



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO I  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**GILMARA TAVARES BATISTA**

**AS PRÁTICAS CULTURAIS DOS CIGANOS NA PARAÍBA: UMA  
TRAJETÓRIA DA ‘GUERRA DOS CIGANOS’ EM CAMPINA GRANDE,  
ENTRE VIOLÊNCIAS, (AN)DANÇAS E MAGIAS  
(1980 a 1990)**

CAMPINA GRANDE – PB  
2011

**GILMARA TAVARES BATISTA**

**AS PRÁTICAS CULTURAIS DOS CIGANOS NA PARAÍBA: UMA  
TRAJETÓRIA DA 'GUERRA DOS CIGANOS' EM CAMPINA GRANDE,  
ENTRE VIOLÊNCIAS, (AN)DANÇAS E MAGIAS  
(1980 a 1990)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Cipriano

CAMPINA GRANDE – PB  
2011

B326p

Batista, Gilmara Tavares.

As práticas culturais dos ciganos na Paraíba [manuscrito]: Uma trajetória da ‘guerra dos ciganos’ em Campina Grande, entre violências, (an)danças e magias (1980 a 1990) /Gilmara Tavares Batista. – 2011.

86 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano, Departamento de História”.

1. Cultura - Ciganos 2. Conflitos Culturais 3. Violência. I. Título.

21. ed. CDD 306

GILMARA TAVARES BATISTA


**AS PRÁTICAS CULTURAIS DOS CIGANOS NA PARAÍBA: UMA  
TRAJETÓRIA DA 'GUERRA DOS CIGANOS' EM CAMPINA  
GRANDE, ENTRE VIOLÊNCIAS, (AM)DANÇAS E MAGIAS  
(1980 a 1990)**

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em História da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de graduada.

Aprovada em 29 / 11 / 2011.

  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Cipriano / UEPB  
Orientadora

  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB  
Examinadora

  
Prof<sup>a</sup> Ms. Martha Lúcia Ribeiro Araújo / UEPB  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

---

Aos ciganos,  
para que sua riqueza cultural possa continuar brilhando e  
encantando muitos *gadjés*.

## AGRADECIMENTOS

---

À Prof.<sup>a</sup> Maria do Socorro Cipriano, minha orientadora, por ter depositado em mim confiança para que este trabalho fosse concretizado, sem as nossas inúmeras conversas e risadas este trabalho não teria sido realizado. Agradeço pela dedicação e atenção desse percurso, pelos elogios e incentivos e agradeço, sobretudo, a amizade.

À Prof.<sup>a</sup> Patrícia Cristina que sempre muito dedicada encontrava um jeito de nas suas aulas pronunciar palavras que geraram efeitos positivos e que também contribuíram para minha formação. À Prof.<sup>a</sup> Martha Lúcia que desde os primeiros anos de faculdade me ensinou como se “tirar sangue, suor e lágrimas” para a elaboração de um trabalho historiográfico e que também proporcionou as minhas primeiras experiências na pesquisa.

Ao Prof.<sup>o</sup> Josemir Camilo de Melo, por quem tenho grande admiração, e que sempre foi muito atencioso e preocupado com a minha caminhada acadêmica. Agradeço todas as oportunidades que me foram ofertadas a partir dessa amizade.

À Maria do Socorro Amorim, que além de secretária da coordenação de História, amiga de todas as manhãs, oferecendo lanchinhos e muitas risadas. Aos demais professores do Curso de História que não foram citados, mas que contribuíram imensamente para minha formação.

A Thiago D'angelo que com amor me apoiou desde o início do curso me proporcionando momentos de muito afeto e carinho para que eu continuasse a minha caminhada acreditando que sonhos podem se concretizar.

Aos meus pais e familiares que contribuíram à sua maneira para que eu pudesse concluir o curso. Samara pela compra dos primeiros livros essenciais para minhas leituras sobre o tema e Érica Tavares pela correção de textos e pela ajuda de sempre.

Às colegas do Acervo Átila de Almeida, que desde o dia em que tive a oportunidade de começar a frequentar o acervo, estiveram na torcida para que as coisas sempre dessem certo.

## RESUMO

---

Nosso objetivo visa cartografar as práticas culturais dos ciganos que se estabeleceram na Paraíba, tomando como recorte espacial a cidade de Campina Grande, na década de 1980, enquanto palco das querelas entre famílias ciganas, investigando as relações de sociabilidade e/ou de conflitos entre os próprios ciganos e também com os não-ciganos. A proposta é refletir sobre como a imprensa local delineia imagens preconceituosas para os ciganos que tiveram suas vidas marcadas pela violência nessa cidade, ao elaborarem um discurso que articula os crimes praticados pelos ciganos no seio de seu grupo e o contexto de violência marcante no Estado. Busca ainda perceber: como os ciganos foram descritos em suas redes e códigos de sociabilidade, tanto no que se refere às relações entre os próprios ciganos, como entre os não ciganos; como foram vistos em suas múltiplas relações de conflitos por terra, relações de trapagens, mas também de amizades, de confiabilidade, nas festanças, nas relações amorosas e familiares. Portanto, na tentativa de suprir uma lacuna relativa à história local, este trabalho constitui-se num exercício histórico que visa problematizar os lugares de produção dos discursos acerca da cultura cigana, reconstruindo e documentando a história dos ciganos no Estado, mas também se articulando às pesquisas acadêmicas sobre o tema no âmbito nacional.

Palavras chave: História Cultural, Paraíba, Ciganos, Imprensa, Memória, Violência.

## ABSTRACT

---

Our paper aims at mapping the cultural practices of the Gypsies who settled in Paraíba, taking as spatial cut the Campina Grande city, in the 1980s, while the scene of quarrels between Roma families, investigating the relationship of sociability and / or conflicts between Gypsies themselves and also with non-Gypsies. The proposal is to reflect on how the local press outlined prejudicial images for Gypsies whose lives were marked by violence in this city, developing a discourse that articulates the crimes committed by Gypsies within your group and the context of violence marked the state. Our objective also seeks realize: how Gypsies were described in their networks of sociability and codes, both as regards relations between the own Gypsies, as among non-gypsies, as were seen in their many conflicts relations over land, relations of cheating but also of friendships, of reliability, on the revelry, in loving relationships and family. Therefore, in an attempt to fill a gap on the local history, this work constitutes an exercise aimed at questioning historical places of production of discourse about Gypsy culture, reconstructing and documenting the history of Gypsies in the state, but also to articulating academic research on the topic nationwide.

Keywords: Cultural History, Paraíba, Gypsies, Media, Memory, Violence.



## SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p. 9.
1. <b>CAPÍTULO I:</b> Um olhar historiográfico sobre os ciganos: mistérios, perseguições e exuberância.....	p. 16.
2. <b>CAPÍTULO II:</b> “Guerra dos ciganos”: imagens na imprensa, violências na cidade .....	p. 28.
2.1. E fechou-se o tempo: continua os episódios da “tragédia dos ciganos”.....	p. 48.
3. <b>CAPÍTULO III:</b> Palavras que envolvem e ciganos que se movem: entre práticas culturais e sociabilidades.....	p. 56.
3.1. Os ciganos e as relações de vizinhança: conflitos, negociações e amizade.....	p. 63.
3.2. Negociando, trapaças e pequenos furtos .....	p. 70.
3.3. Relações de amizade e os modos de vida cigana .....	p. 73.
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	p. 79.
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	p. 81.
<b>APÊNDICE</b> .....	p. 85.

## INTRODUÇÃO

Fora do campo de produção histórica, os ciganos aparecem como personagens exóticos não somente em romances, mas também em outras produções, tais como: peças teatrais, reportagens, filmes, documentários e novelas<sup>1</sup>. Estas produções culturais também tiveram sua parcela na construção de imagens acerca dos ciganos, não apenas no Brasil, pois enquanto produção cultural, estes foram escritos, lidos, interpretados, encenados a partir de representações que partem de interesses individuais e/ou coletivos.

Percebemos que numa dessas produções, a do jornal, os ciganos também foram citados, narrados de diversas maneiras, mas apontados, sobretudo como uma imagem carregada de desprezo e terror. E tal imagem foi tão debatida na Paraíba que o tema *Ciganos* chega a ser tabu na sociedade campinense, já que escolhemos como ponto de partida e palco principal de produção destas imagens Campina Grande, tendo em vista que verificamos que nos relatos de moradores que moram há mais de 30 anos nesta cidade, os ciganos são retratados de maneira a pensarmos apenas em questões de violência, devido aos acontecimentos que se passaram na cidade.

Na busca de encontrar pessoas que nos pudesse narrar histórias sobre ciganos foram inúmeras as vezes que escutamos: “Para quê você vai mexer com isso menina?” ou ainda “Não sei de nada sobre essas histórias de cigano não, sei que existiam, mas não sei de nada” ou ainda, “Não quero me envolver, eles são perigosos” e percebemos que isso em muito se deve aos fatos ocorridos na década

---

<sup>1</sup> Várias foram as leituras feitas sobre os ciganos e representadas através de diversas produções culturais. Uma delas chama atenção a novela *Carmen* (1845) do historiador e escritor francês Prosper Mérimée. A partir desta foram feitas outras releituras mostrando o cotidiano de ciganos acampados próximo as cidades e ainda o grande encanto que trazia as mulheres ciganas, enfatizando a beleza e praticas comuns entre os ciganos. A ópera de mesmo nome, consagrada por Georges Bizet em 1875 foi uma destas releituras. Outra foi o curta metragem *Burlesque on Carmen*, 1915 escrito, dirigido e protagonizado por Charles Chaplin no seu cinema mudo. E a mais recente produção espanhola do produtor Vicente Aranda, o filme *Carmen*, 2003. No Brasil, também foi feito um filme que se baseou na primeira obra, *Carmen a cigana* em 1976, produção de ‘Teixeirinha Produções Artísticas’. Mas observamos que foram feitas inúmeras leituras nas artes trazendo representações sobre os ciganos, a exemplo da novela *Explode Coração*, 1995 ou as obras de Gil Vicente, *A farsa das ciganas* (1521), João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina* (1966) entre outros que poderíamos abarcar neste trabalho, mas apenas para deixar caminhos em aberto para que outros historiadores possam explorar.

de 1980 na cidade que foram noticiados pelos jornais da cidade. Mas não apenas por essa representação, outras foram sendo criadas e disseminadas pela Paraíba e isso nos despertou um interesse ainda maior em desenvolver a pesquisa acerca do tema.

O que pretende-se fazer neste trabalho é construir, através das fontes que nos foram possíveis até o momento, uma trajetória histórica de alguns ciganos na Paraíba, inicialmente focando em Campina Grande, mas não entendendo que só seria possível essa construção a partir da busca pelas origens e chegada destes no Estado. A preocupação do trabalho é tentar elaborar a nossa própria narrativa que enveredam por outros caminhos: como os ciganos praticavam a cidade na década de oitenta e como interagiam com a população?

Pretendemos investigar também as relações destes com ciganos de outras localidades na Paraíba, tais como Galante, Aparecida, Sousa, Patos, Queimadas, São José da Mata, Juazeirinho, Soledade, Lagoa de Dentro, Riachão do Bacamarte e que partem para um âmbito ainda maior de circulação e comunicação, quando se fala em Nordeste: Aracati – AL, Acari – RN, Pernambuco, Bahia; apenas para citar alguns exemplos. Os estudos sobre o tema ainda encontra-se em aberto e mostram-se atuais, uma vez que eles circulam ou se estabeleceram no Estado e podem ser vistos em suas (*anda*)danças pelas cidades.

Ainda este ano, 2011, ao passar pelo centro da cidade de Campina Grande, observamos várias mulheres de vestidos compridos e coloridos, lenços à cabeça, tranças e pulseiras, muitas pulseiras. Crianças, jovens e idosas, que nas calçadas das lojas na rua Cardoso Vieira e adjacências, ficavam a chamar quem passasse para ler *a buena dicha* - “leitura das mãos”. Praticando a quiromancia conseguiram alguns trocados até serem relocadas para outros locais ou simplesmente foram embora, passaram.

Algumas pessoas dizem que, as ciganas estavam na cidade roubando quem passasse e que a arte da quiromancia realizada por estas, não passava de falsidade, pura enganação. O fato é que essa ideia arraigada no imaginário das pessoas, não é fato observado apenas em Campina Grande. Em outras pesquisas sobre ciganos, também é possível observar que estes estereótipos são elaborados e reelaborados com frequência, pelas sociedades aqui no Brasil, desde a época colonial, quando se tem as primeiras notícias sobre ciganos. Esta é então uma longa

história e diante desta, muitos pesquisadores elaboram suas perguntas e a partir delas, constroem muitas respostas. No caso desta pesquisa, enquanto historiadora que se debruça sobre mais uma história dos ciganos, pergunto: **como essas histórias de medo do outro, de construções de preconceitos, de estigmatização são elaboradas historicamente?**

Para problematizar essa questão, estabelecemos uma historicidade sobre esse momento que caracteriza parte de uma trajetória dos ciganos na cidade, enfatizando que esse movimento, foi marcado predominantemente por intolerância e por perseguições aos grupos ciganos, e que é processo semelhante ao restante do Brasil. O recorte temporal é a década de 1980, no contexto político da Redemocratização Brasileira, considerando a experiência da cidade de Campina Grande quanto à “recepção” aos grupos ciganos. A preocupação inicial é mostrar como estes grupos foram vistos pela sociedade, uma vez que somente tiveram maior visibilidade, a partir das páginas policiais dos jornais *Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba*.

Durante a pesquisa e leituras sobre o tema, nota-se que são principalmente antropólogos e sociólogos que escreveram e elaboram pesquisas na Paraíba. Nestas áreas existem dissertações, teses e outros trabalhos sobre os ciganos moradores da cidade de Souza e Patos - mas não sobre os grupos que passaram ou que em Campina Grande e outras regiões moram ou moraram. Apesar da enorme contribuição desses pesquisadores/estudiosos, seus direcionamentos voltam-se para questões e debates próprias de suas áreas, tais como as questões voltadas às políticas públicas e melhoria de vida.

Entre perseguições e discriminações, o povo cigano sofreu com o preconceito e com os estereótipos que foram formulados pelos não ciganos. Apesar do preconceito, as tradições ciganas continuam a encantar muitas pessoas. Os ciganos no Brasil são muitos e estão por toda parte, aqui na Paraíba temos histórico da passagem de ciganos em algumas cidades, como também de comunidades de ciganos como é o caso dos mais conhecidos no município de Souza e Patos.

Já sabemos que contribuíram para a formação da cultura brasileira, uma vez que estão no Brasil desde o período colonial como já afirma Laura de Melo e Souza (2004). E não apenas por isso, precisam ainda ser respeitados enquanto cidadãos deste país, para promoção dos direitos humanos. Em 2006 o ex-presidente Lula

decretou o dia Nacional dos Ciganos que passou a ser comemorado em 24 de maio, dia de *Santa Sara Kali*, padroeira universal do povo cigano. Isso é bastante importante e um grande passo dado para promoção dos direitos destes cidadãos, que a partir desse momento, passam a ter mais olhares voltados para sua cultura.

O pouco que já se sabe sobre a vinda dos ciganos para o Brasil nos mostra que sua história foi marcada por perseguições e violência. Aqui no Brasil, num momento em que o país tentava exportar ideias modernizantes executadas nas cidades européias, que tinham cunho cientificista a fim de higienizar e organizar os centros urbanos com políticas progressistas, os ciganos também eram a parte “suja” desta cidade. Isso pode ser observado no trabalho de Izabel Cristina de Medeiros (2007) mostrando os ciganos e sua trajetória, vista por variados meios e percebendo que estes grupos eram considerados um obstáculo à implementação desse projeto modernizante, progressivo, gerando reações tanto por parte das autoridades quanto da população da cidade que “tinham” que conviver com os “bandos” em Minas Gerais.

Seja por ideais modernizantes ou apenas pelo fato de serem ciganos, a questão é que a difícil integração social ou aceitação de outros povos, fez com que muitas fossem as vezes que os povos ciganos, os *Roms* (denominação adotada pelas Nações Unidas, designando o conjunto de populações nômades que cuja língua provinha da Índia) tivessem que migrar para outros lugares. Isso devido a vários fatores como a cor da pele, pelas práticas culturais de quiromancia e adivinhações, além da vida nômade e com diferente religião que incomodam as sociedades.

A sequência de mortes que aconteceram em Campina Grande, na década de 1980, envolvendo ciganos, segundo as fontes impressas, foi iniciada a partir das perseguições que a família Targino Cavalcanti sofria em Alagoas. Vindo assim para Campina Grande, se estabelecer e morar.

Na constituição brasileira apenas se fala em minorias étnicas. E somente a partir dos anos 60 é que na Europa passaram a existir documentos que falavam em políticas para os ciganos. Pesquisadores de várias áreas das ciências humanas, ao abordarem a etnia cigana, vêm tentando mostrar as dificuldades enfrentadas para se escrever sobre estes, ao esbarrarem em obstáculos como a própria inexistência de uma escrita, de uma nação, ou seja, que por não terem leis escritas ou mesmo uma

nação constituída a partir do modelo hegemônico. Percebemos que há muita preocupação em se descrever uma possível origem verdadeira para a cultura cigana, porém entendemos que mesmo ágrafos, eles não deixam de ter acesso à cultura do “outro” que lhes chegam por fragmentos e que lhes proporcionam ressignificar sua cultura.

Entendendo que o historiador faz uma operação que precisa ao mesmo tempo de metodologia e de imaginação é que elaboramos o primeiro capítulo intitulado **Um olhar historiográfico sobre os ciganos: mistérios, perseguições e exuberância** que insere o leitor num universo que problematiza a presença e a ausência dos ciganos em produções de conhecimento em varias áreas. Percebendo como as imagens sobre os ciganos são variadas, mas que a preocupação tem amplitude não apenas nacional.

Interessa-nos as formas distintas de narrar o passado, de mostrar como foram construídos discursos sobre os ciganos que são práticas construídas também a partir da cultura. Por isso se fez interessante pensar esta análise a partir da História Cultural para podermos construir uma narrativa sobre o cotidiano, costumes, valores das pessoas comuns, pensando a cultura cigana como possibilidades à escrita da história.

O segundo capítulo **“Guerra dos ciganos”**: **imagens na imprensa, violências na cidade** que está compreendido em mais um tópico: 2.1 - **E fechou-se o tempo: continua os episódios da “tragédia dos ciganos”**, trata das questões acerca construção de discursos sobre os ciganos nos jornais *Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba*, considerando as imagens elaboradas por tais discursos, que apontam os ciganos enquanto figuras vingativas e violentas. Este capítulo propõe refletir sobre a importância que teve a imprensa local para essa construção, uma vez que os violentos conflitos que aconteceram, praticamente dizimou a família cigana dos Targino Cavalcante, na cidade de Campina Grande. A fonte possibilita ainda pensar que estas histórias de ódio e vingança estavam além da cidade, partindo para um campo maior em que a violência fazia parte do cotidiano da população paraibana.

No terceiro e último capítulo intitulado **Palavras que envolvem e ciganos que se movem: entre práticas culturais e sociabilidades**, dividido em três subtópicos: 3.1 - **Os ciganos e as relações de vizinhança: conflitos, negociações**

**e amizade; 3.2 - Negociando, trapaças e pequenos furtos; 3.3 - Relações de amizades e os modos de vida cigana.** Neste, buscamos cartografar as relações de sociabilidade estabelecidas entre os ciganos e membros do próprio grupo e também entre os ciganos e os não ciganos, buscando entender como eles estabeleceram suas práticas de comunicação, de negociação, de afetos, de vizinhança e de mobilização na sociedade paraibana. Para tanto, utilizamos especialmente as fontes orais para a construção de uma história oral baseada num exercício de discorrer sobre estes discursos de memórias que nos foram relatadas.

Para a elaboração deste trabalho, algumas das escolhas teóricas são guiadas pelos referenciais da História Cultural. Buscou-se dialogar com Michel de Certeau (1995; 2007), primando pelas concepções acerca da espetacularização da violência, práticas culturais, de *espaços e lugares* para pensarmos o cotidiano dos ciganos na cidade. A orientação teórica de Chartier (2002) nos possibilitou as aproximações necessárias para pensar as questões sobre as representações na história enquanto práticas culturais. Os conceitos de Deleuze; Guatarri (1997) nos ampararam ao abordar o sentido da desterritorialização, incluindo aí as burlas dos ciganos nômades quando eram perseguidos pela polícia local. O diálogo também foi estabelecido com a própria historiografia sobre o tema de diversas áreas, incluindo trabalhos nacionais e produções locais, como será apontado mais adiante.

Para a realização deste trabalho, foi necessário recorrer à outras fontes: as dos jornais impressos e às memórias de moradores de Campina Grande. Estas fontes foram analisadas enquanto discursos produzidos nos embates de relações de poder e saber, que contribuíram na construção de imagens dos ciganos. Desta forma, procuramos refletir sobre a fonte oral, utilizada aqui como algo que traz subsídios para conhecermos práticas culturais de grupos sociais, nesse caso os ciganos, que delinearão espaços nas cidades paraibanas, mas lembrando que esta fonte também deve ser problematizada assim como uma fonte escrita. Segundo Amado (1998) “a história interessou-se pela oralidade na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas” (AMADO, 1998. p. 16). O historiador pretende reconstruir um passado a partir de narrativas sobre o passado, que podem ser trazidas à tona pela memória ressignificada.

O entendimento de como as pessoas e grupos experimentaram o passado, ou mesmo de tornar possível fazer indagações que possam problematizar escolhas de grupos, mostra a importância da utilização desta metodologia, uma vez que “Ela [a memória] é resultado de um trabalho de (...) seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade (...) – isto é, de identidade” (ALBERTI, 2006. p. 167). Entendendo que a entrevista não é o retrato do passado, mas que ao contar as experiências do passado, rememora-se. Halbwachs (2006) afirma que a memória individual diante da memória coletiva se torna suficiente para que o indivíduo reconheça suas lembranças como legítimas, porém, um número maior de recordações aparece quando outros nos fazem recordar certos momentos<sup>2</sup>.

Este trabalho, sobretudo, se apóia na interpretação das fontes colhidas, visto que estas foram fundamentais para a escrita da nossa narrativa sobre este passado. Com este estudo pudemos observar como os ciganos foram ditos e vistos pela sociedade paraibana, enquanto estrangeiros e herdeiros de outras práticas culturais, que não as impostas pela sociedade. Percebemos que todas estas histórias, que narraram e nos revelaram desde as relações conflituosas até as mais afetuosas, foram construtoras de imagens para os ciganos na cidade.

---

<sup>2</sup> Segundo o autor: “Não há lembranças que reapareçam sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (...), algo que recordaremos nos situando em um ponto de vista que somente pode ser o nosso?” (HALBWACHS, 2006, p. 42).



## CAPÍTULO I

### UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO SOBRE OS CIGANOS: MISTÉRIOS, PERSEGUIÇÕES E EXUBERÂNCIA

*Na minha viagem  
Trago a minha bagagem  
Muitas coisas pra vender  
Carrego ouro e um papagaio louro  
Fala muito e sabe ler*

*Vendendo tropa  
Trocando cavalo bom  
Mas só esse coração  
Pra ninguém posso vender*

*Oh, ciganinha  
Você sempre lendo sorte  
Vamos se arretirando  
Nós vamos andando  
Até na hora da morte*

**(Linda Cigana, 1959).<sup>3</sup>**

Ciganos. Durante muito tempo suas vidas passaram despercebidas, como se eles não existissem. Ao preconceito que os atingia foram acrescentados o fascínio, o medo e a injustiça, que nos dias de hoje ainda podem ser percebidos. Entretanto, apesar dessas imagens negativas, os ciganos são marcados também pela imagem de um povo alegre, musical, e colorido. Essas imagens são facilmente percebidas nas letras de algumas canções que procuram descrever o cotidiano desse povo saudosista e belo.

O objetivo deste capítulo é tentar cartografar uma trajetória historiográfica sobre ciganos. Assim como estes, os estudos sobre a cultura dos ciganos também se apresentam um pouco escorregadios e nômades, pois eles são elaborados por pesquisadores de diversas áreas de estudo.

Este trabalho dialogará com essas diferentes áreas do conhecimento, como a Literatura, a Linguística, a História, a Antropologia e a Sociologia. Estas duas últimas áreas são responsáveis pela maioria dos estudos que tratam sobre os ciganos, e por isso se revelaram como principais fontes teóricas para nosso estudo.

---

<sup>3</sup> Siveira e Dito Mineiro. Linda Cigana. LP *Coração Apaixonado*, 1970. Esta é apenas uma das inúmeras músicas brasileiras que retratam uma imagem dos ciganos no Brasil.

Tais campos do saber abordam em seus estudos, temas como a religiosidade, a cultura, a identidade, os estudos sobre etnias e as questões de políticas públicas, assim como educacionais.

Nômades, os ciganos encontram-se dispersos por todo o mundo, tendo passado em peregrinações por diferentes países e em diferentes contextos temporais. Já estiveram circulando - e ainda estão - por Campina Grande, assim como, em outras regiões da Paraíba, sendo alvo de discursos diferenciados. Portanto, são uma realidade em nosso espaço, e por isso, reconstruir e documentar a história dos Ciganos na Paraíba se torna importante e pertinente.

A pesquisa historiográfica aponta para diferenciadas leituras sobre os ciganos, não só referente às temáticas, mas também aos temas. Ao escrever *A História esquecida dos Ciganos no Brasil*, Frans Moonen (1996) convoca historiadores para escreverem a História dos Ciganos na Paraíba. A ideia era que o historiador, enquanto o profissional mais habilitado para *resgatar* as origens dos Ciganos na Paraíba, pudesse fazê-la o mais brevemente, já que seria função da história “esclarecer melhor a população não-cigana sobre esta minoria étnica esquecida que há mais de quatro séculos sempre foi, e ainda é perseguida e discriminada no Brasil” (MOONEN, 1996, p. 138).

Encarando o tema do ponto de vista de um antropólogo, o autor, sublinha a falta de habilidade dos historiadores para operar com a pesquisa de campo, por não serem pesquisadores sociais. Esta é uma questão apontada quando o autor escreve sobre a dificuldade em estudar o tema dos ciganos, porém, esta observação é feita a partir do ponto de vista das políticas públicas e da ação. Segundo Moonen (2008) pesquisadores - que não os antropólogos - nem sempre atuam de forma a contribuir para a melhoria de vida dos ciganos:

Enquanto estava realizando a pesquisa, outras pessoas, após algumas apressadas visitas aos ranchos ciganos e sem nada saber de experiências realizadas no exterior ou no Brasil, já estavam em ação, elaborando projetos para "melhorar" a vida dos ciganos. Por enquanto, tudo não passa de vagos projetos em papel, felizmente. Mas muitos futuros problemas poderiam ser evitados se, antes da ação, estas instituições contratassem pesquisadores sociais profissionais, honestos e devidamente habilitados, e não pesquisadores amadores nem sempre honestos, para um estudo mais aprofundado da realidade que pretendem melhorar ou modificar (MOONEN, 2008, p. 170).

Talvez a insatisfação do autor em relação à pesquisa histórica deva-se à sua própria forma de conceber a história, pois ele parece empenhar-se na busca de explicar a origem dos ciganos, o que remete à história como “origem”, como “causa primeira”, que não é a proposta deste trabalho.

Foucault (2008) aponta como as produções historiográficas mudaram seus rumos, segundo ele isso aconteceu quando os historiadores voltaram suas atenções para as novas tendências no estudo da história, que se diferenciam hoje das análises feitas no século XIX:

E, assim, o grande problema que se vai colocar - que se coloca - a tais análises históricas não é mais saber por que caminhos as continuidades se puderam estabelecer; de que maneira um único e mesmo projeto pôde-se manter e constituir, para tantos espíritos diferentes e sucessivos, um horizonte único; que modo de ação e que suporte implica o jogo das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições; como a origem pode estender seu reinado bem além de si própria e atingir aquele desfecho que jamais se deu - o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos (FOUCAULT, 2008, p. 6).

As alterações ocorridas no âmbito da História entre as décadas de 70/80 do século passado trouxeram indagações sobre os regimes de verdades existentes no modelo de produção da história, especialmente a história totalizante. Pois, passava-se a outra concepção: na intenção de imprimir sentidos ao seu discurso, é que o historiador “recupera os registros do passado na sua irreduzível especificidade, quando os homens falavam, agiam e construía representações do mundo estranhas aos nossos códigos e valores” (PESAVENTO, 2003, p. 59).

Entendendo que a escrita da história pode ser elaborada a partir dos recortes, das colagens e das reinvenções efetivadas pelo historiador nos documentos, encontrando desta forma, as brechas necessárias para que o nosso trabalho fosse realizado.

Percebendo a diversidade de leituras sobre os ciganos, é interessante lembrar outra obra, *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil* (2008), em que Moonen aponta a partir de extensa documentação, como os ciganos foram se dispersando pela Europa (meados dos séculos XIII até os dias atuais) a partir das publicações - por parte dos estados - de leis e políticas anticiganas que se diferenciaram (prisões, chibatadas em praça pública, expulsão, degredo, proibição

de entrada em alguns países, deportados, morte – como na Segunda Guerra Mundial), mas que tinham o mesmo fim, suprimir os ciganos de onde estivessem:

Em quase todos os países, o anticiganismo faz parte da educação das crianças: —não vá brincar muito longe, porque têm ciganos na redondeza que raptam crianças. E que comem criançinhas, cozinhando-as em grandes caldeirões ou assando-as em espetos: —coma direito, senão chamo um cigano para ti levar! Ou seja, o cigano vira bicho papão para muitas crianças europeias que à noite espiam debaixo da cama para ver se não tem um malvado cigano escondido, com um punhal na mão, pronto para atacar, matar, violentar e estuprar. As crianças também se tornam anticiganas ouvindo conversas em casa ou na rua, ou lendo sobre ciganos ‘criminosos’ nas páginas policiais de jornais e revistas, ou assistindo notícias semelhantes na TV. Ou então, o que em muitos países da Europa é quase inevitável, já tiveram contatos pessoais desagradáveis ou prejudiciais com ciganos. Uma nova mentalidade mais científica e pró-cigana só será introduzida no final do Século XX, a partir da década de 70, com os livros de historiadores e cientistas sociais não ciganos, como Vaux de Foletier, Liégeois, Fraser e Acton, além de livros escritos por intelectuais ciganos, como Hancock e Ramírez Heredia. Até hoje, no entanto, as imagens negativas persistem na Europa, como também no Brasil (MOONEN, 2008, p. 89).

Este trabalho em certo sentido atende à inquietação deste autor, pois temos a pretensão de contar uma história dos ciganos a partir do ponto de vista do historiador. No entanto, não para explicar a origem dessa etnia no Brasil ou na Paraíba, mas para materializar essa história a partir da escrita sobre o passado destes, percebendo o sentido que teve essa trajetória dos ciganos, o que é possível ao historiador.

As análises realizadas pelos sociólogos geralmente estão mais atreladas ao estabelecimento da ordem social, diferentemente do trabalho do historiador, que se preocupa ainda mais com a questão da temporalidade, das mudanças e das trajetórias do objeto de estudo no tempo.

Atualmente, existe uma considerável produção acadêmica relativa ao tema dos ciganos no Brasil. Partindo para uma breve análise, pensando em perceber como pesquisadores vêm construindo narrativas sobre os ciganos no Brasil, é que trazemos algumas indicações estudadas em vários âmbitos da pesquisa e que são relativas a este tema.

Gustavo Barroso, em *Segredos e revelações da História do Brasil: o primeiro cigano que veio para o Brasil*<sup>4</sup>; com a preocupação de saber como os ciganos se originaram e como chegaram ao Brasil, o autor mostra que há séculos os ciganos vagueiam pelo mundo e tenta revelar essa trajetória de andanças a partir de outros pesquisadores para chegar a essas terras:

Dali seguiram outro caminho: pérsia, armênia, Ásia menor, Grécia, Romênia, Hungria, Boemia, [...] para um lado; Países-Baixos, Inglaterra e escócia pra outro; França, Itália, Espanha e Portugal numa terceira direção. Finalmente, deste último país vieram para o Brasil nos séculos XVII e XVIII, sobretudo, para o maranhão, o ceará, a Bahia, Pernambuco e o rio de janeiro. Espalharam-se posteriormente pelas outras capitânias. Estas se transformaram em províncias do império e estados da república, por onde ainda em nossos dias eles rolam para cima e para baixo (BARROSO in MOTA, 2004, p. 211).

Num resumo bastante sucinto dessa possível origem, Barroso (apud MOTA 2004) aponta características do governo de D. João V quando este proibiu os ciganos de praticarem sua cultura, logo após este governo, vieram as leis e os mandatos de degredos para as colônias portuguesas. Entre estes ciganos enviados para o Brasil temos a figura - bastante lembrada em textos sobre os ciganos no Brasil - o João de Torres, que segundo o próprio Gustavo Barroso, seria o primeiro cigano a chegar ao Brasil juntamente com sua família.

*Fatos e memórias* (1909), de Melo Moraes Filho - um dos pioneiros nos estudos ciganos no Brasil – traz no texto *Quadrilhas de ciganos*, as experiências cotidianas vividas pelos ciganos, como viagens e “peripécias” para conseguir sobreviver, sempre em lugares diferentes.

Os estudos desse autor nos revelam o cotidiano nos *ranchos* ciganos, as viagens e a forma como estes eram vistos pela população do Rio de Janeiro, início do século XX. No entanto, seus estudos acabam por ratificar preconceitos existentes:

Eles viajam ao acaso, constituídos em cabildas, congregados em tropas, destacando-se com relevos próprios e costumes singulares. Ao vê-los o sertanejo pára (*sic.*) nas estradas, os destacamentos em marcha evitam-lhes o contato, espalhando-se a notícia da aproximação das hordas pelas vilas e lugarejos, cujas autoridades se põem sobreaviso, a fim de impedir-

---

<sup>4</sup> Este é um dos artigos do livro *Ciganos: antologia de ensaios* (2004), não está datado pelo organizador Ático Vilas-Boas da Mota e não tivemos acesso ao texto na íntegra, porém achamos relevante para a pesquisa.

lhes a entrada. [...] É que estas tropilhas, eternamente vagabundas, sem repouso certo e sem lar, hospedes de todos os perigos e de todas as solidões, ameaçam a propriedade com os assaltos e a pilhagem, a boa fé campesina com escamoteações e embustes (MORAIS FILHO in MOTA, 2004, p. 20).

Este autor retrata com uma escrita bastante literária, parecendo estar poetizando, como quem canta, a forma que via os ciganos em atividades cotidianas de viagem e seus tipos físicos e vestimentas que chamavam atenção:

Os homens, altos e tismados, de cabelos caracolados e barba pontuda, vovvem os olhos cintilantes, sempre desconfiados e afoutos nas lutas do imprevisto. E o bando montado assoma vagarosos, caminhando a passo, a dois e três fundo; colocado à dianteira, o chefe supremo refreia fofoso ginete, ajazeado de prata, estala o rebenque guarnecido de ouro, luzindo-lhe custosas chilenas nos largos tacões das botas de viagem. [...] Nessa vida eqüestre, as ciganas, adornadas as orelhas de pingentes de ouro e prata, tendo ao pescoço e nos braços ricos colares e pulseiras, vestidas de cassa ou de chita de cores espantadas, bordam viajando, fazem rendas e almofadas. Armados de clavinotes e punhais, de facas de ponta, os ciganos percorrem os sertões, acontecendo darem-se entre eles e forças estranhas, verdadeiros combates, consideráveis morticínios (MORAIS FILHO in MOTA, 2004, p. 23-24).

As abordagens dos estudos sobre os ciganos podem ser agrupadas a partir de alguns pontos de articulações, em que se propõem temas variados como: origem, questões étnicas, educativas e políticas, além da religiosidade entre outros temas frequentemente abordados. Porém, percebemos que com relação à pesquisa histórica, são poucos os historiadores que se debruçam sobre o tema.

A socióloga Goldfarb (2004) aponta também outros sociólogos estrangeiros como Vaux de Foletier (1984) que, segundo ela, este autor preocupou-se em suas pesquisas, em relacionar à origem indiana dos ciganos. Já Moonen (2004) escolhe o historiador Van Kappen (1965) para mostrar que os ciganos ao migrarem para a Europa, foram bem recebidos devido as cartas de títulos de nobres com as quais se muniam. Ou ainda com Liégeois (1987) que segundo Moonen (2004) estuda as questões acerca da vida nômade e como o sedentarismo, em alguns casos, foi influenciado pela vida moderna.

No Brasil, além dos que já foram citados, ainda pode ser mencionado o historiador Geraldo Pieroni que em seu livro *Vádios e Ciganos, Heréticos e Bruxas* (2006), aborda o tema no período colonial, traçando um panorama do degrado dos

ciganos para o Brasil e identificando alguns ciganos que permaneceram no Nordeste.

Esta obra, portanto, é uma fonte importante para nosso trabalho, uma vez que a partir de extensa documentação, chama atenção para o fato de que os ciganos estão no Brasil desde quando começaram a ser deportados de Portugal, como afirmado pelo autor:

Degredadas de Portugal, algumas ciganas viviam no Brasil na época da primeira visitação do Santo Ofício na Bahia – Violante Fernandes, viúva de um cigano degredado por furtos de burros; Maria Fernandes e Apolônia Bustamente – pareciam irritadíssimas com as abundantes chuvas que caíam incessantemente naquele período. Usando de palavras indecorosas contra Deus e a fé católica, resolveram grotescamente atribuir a Deus todos os incômodos das chuvas. Blasfemaram dizendo que Deus urinava sobre elas [...]. A Metrópole despejou seus “criminosos” nas terras coloniais ultramarinas, particularmente no Brasil e África. A colônia, por sua vez, degredou seus elementos indesejáveis e “gentes inúteis” para outras capitanias e continentes (PIERONI, 2006, p. 112 - 113).

Para traçar as linhas do banimento destinado ao Brasil, o autor utiliza-se de documentos coloniais no século XVI, XVII e XVIII (PIERONI, 2006, p. 18), revelando como estes *banidos* sobreviviam na colônia, já que o degredo era algo recorrente, em Portugal:

Nas ordenações Afonsinas (1446), Manuelinas (1521) e Filipinas (1603) o célebre livro V é dedicado ao direito penal. É lá que estão enumeradas as penas a serem aplicadas aos condenados segundo o grau de seus delitos (PIERONI, 2006, p. 77).

Para o autor, os ciganos no Brasil Colônia teriam sido parte do grupo social que sofreu com as perseguições inquisitoriais, assim como ocorria com os cristãos novos. Durante os séculos XVI e XVII segundo nos mostra o autor, o banimento foi prática constante do Antigo Regime em Portugal. Sendo, portanto postura adotada pela Igreja Católica, ao aderir ao Santo Ofício, como forma de perseguir os não cristãos, tendo a ajuda do Governo que além de tudo afastava os marginalizados de suas terras:

O sistema de degredo, como exclusão social e possibilidade de purgação das faltas cometidas, integrou-se perfeitamente à luta da inquisição pelo controle, correção, manutenção e consolidação da ortodoxia e unidade religiosa (PIERONI, 2006, p. 92).

No capítulo *Os ciganos degredados* Pieroni (2006), com base na diversa documentação colonial, afirma que só no século XVIII é que se pode falar em degredo generalizado de ciganos para o Brasil. Metrópole e colônia juntas no combate aos elementos indesejáveis daquela sociedade:

Bandos deles, provenientes de Castela, entravam em Portugal. Sua Majestade D. Pedro, rei de Portugal e Algarves, preocupad ssimo com a “inunda o de gente tão ociosa e prejudicial por sua vida e costumes, andando armados para melhor cometerem seus assaltos”, decidiu determinar por decreto, que, alem do degredo para a África já estabelecido pelas Ordena es Filipinas de 1603, eles seriam têm bem degredados para o Brasil [...] (PIERONI, 2006, p. 111).

Laura de Melo e Sousa (2004), ao tratar sobre o que ela definiu como uma “ideologia da vadiagem”<sup>5</sup> nas Minas Gerais do período colonial, mostra como já naquele período os ciganos eram vistos sob o estigma da desconfiança: “o simples fato de ser cigano era motivo de desconfiança” (p. 274). Mas, a autora têm bem aponta outra questão relevante para a constru o dessa imagem dos ciganos como desocupados- ser um *itinerante*:

Nos ciganos o que mais incomodava era a itinerância, “o prejudicial e ambulativo giro”, o “repreensivel  cio” em que viviam. Deveriam, pois ser punidos, deixando-se em paz apenas os que decidissem “viver do decente trabalho” da agricultura (SOUSA, 2004, p. 276).

Esta indica o nos remete a diversos outros episódios na história dos ciganos, uma vez que, em muitos casos, *vagar* nos parece a única possibilidade de se pensar os motivos de algumas atitudes discriminatórias em rela o a eles e de como estas ideias ainda sobrevoam a imagina o das pessoas acerca dos ciganos, como veremos mais adiante nos próximos capítulos.

Na disserta o de mestrado *Cidades de Portas Fechadas: A Intolerância Contra os Ciganos na Organiza o Urbana na Primeira República* (2007), a historiadora Isabel Cristina Borges expõe traços da trajetória dos ciganos em Minas Gerais nas últimas décadas do século XIX.

---

<sup>5</sup> Discutindo a vadiagem e a marginalidade em Minas Gerais na época do ouro, Laura de Melo e Souza (2004) define a “ideologia da vadiagem” como sendo o olhar das elites em desqualificar os homens livres e pobres desta sociedade, seriam os *desclassificado*, que não seguiam ordens e a ideologia do trabalho latente – como os ciganos, os bandidos, os garimpeiros e outros homens pobres e livres.



Neste sentido, Borges (2007) nos convence de que uma suposta intocabilidade entre os ciganos e não-ciganos nunca existiu de fato, mas que a trajetória destes grupos em Minas Gerais foi marcada, sobretudo, por intolerância e perseguições, sempre considerando o contexto histórico brasileiro em que estavam estabelecidos:

Os ciganos são atores inseridos no contexto da história brasileira, e sua caminhada foi influenciada por transformações que permearam a conjuntura nacional, em diferentes momentos, alterando a dinâmica interna desses grupos (BORGES, 2007, p. 3).

Alguns aspectos utilizados pela autora na construção de seu texto apresentam afinidades com o nosso, uma vez que a historiadora aponta que os ciganos passaram a protagonizar notícias nos jornais que circulavam em Minas Gerais e que isso vai desencadear progressivamente um processo de exclusão.

Tais ideias tentaram justificar a disseminação das imagens de que os ciganos seriam representantes de uma “raça inferior”, adeptos da “vadiagem”, fazendo parte dos indesejáveis na cidade moderna e sendo perseguidos continuamente.

Partindo para uma análise linguístico-cultural, Cristina da Costa Pereira, em *Os Ciganos ainda estão na estrada* (2009), após algum tempo em pesquisa de campo pôde mapear de forma bem abrangente, aspectos da cultura cigana.

Ainda que metodologicamente a autora se aproxime dos pesquisadores que busquem a origem dos ciganos, ela assinala que a etnia cigana tem estrutura linguística que é básica - muito embora os ciganos não tenham uma unidade, não componham uma nação, por existirem diversos grupos que se subdividem – os *Romani* e seus dialetos como o *Caló*, sendo, portanto, a característica linguístico-cultural que confirma sua etnicidade.

Pereira (2009) enriquece nosso estudo quando aponta dados sobre a pesquisa e a escrita da história dos ciganos, o que nos revela outra preocupação da autora, que é de fazer com que os próprios ciganos falem em seu trabalho, trazendo entrevistas e pontos de vista destes, tornando-os narradores de sua própria história:

Já existem, em diversos países da Europa, na América do Norte, no Brasil e na Argentina, ciganos escrevendo livros e artigos em revistas especializadas sobre sua origem, história, ritos e contemporaneidade. Nesse momento, a ciganologia atinge a plenitude como ciência, uma vez

que se tem a história dos ciganos descrita, analisada e refletida por eles mesmos (PEREIRA, 2009, p. 17).

Outro tema que ainda pode ser apontado ao falarmos sobre os ciganos, é a sedentarização de alguns grupos. No Brasil, Frans Moonen (2008) ao falar dos ciganos da Paraíba – leia-se os de Sousa – lembra que antes do processo de sedentarização<sup>6</sup>, na década de 1980, estes grupos “viviam basicamente do comércio de “animais” (isto é, de equinos: cavalos, jumentos, burros) ou de objetos industrializados, especialmente armas” (MOONEN, 2008, p. 7).

Mas, o autor aponta ainda que esta sedentarização aconteceu devido a questões políticas da região de Sousa, em que os ciganos se envolveram. Indica ainda a existência de uma área de perambulação que “era o interior da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte” que já pode ser alargada a partir do nosso trabalho.

Segundo as fontes localizadas - jornalísticas e orais - a área de perambulação pode ser ainda maior, incluindo aí, os estados de Alagoas e Bahia, ou seja, recortando o Nordeste através do Rio São Francisco.

Isso nos ajuda a pensar num campo maior de lugares em que houve possibilidades de sedentarização. Como abaliza Rodrigo Teixeira em *História dos Ciganos no Brasil* (2008):

Como comerciantes de escravos, animais ou exercendo a “buena-dicha”, aos ciganos sempre couberam aquelas atividades desinteressantes para os grandes empreendedores e socialmente desvalorizadas (“ilícitas”, “impuras” e “repugnantes”). Como nômades ou sedentarizados, perambulavam por caminhos inóspitos, acampavam em áreas pouco propícias e se estabeleciam em espaços insalubres nas cidades (TEIXEIRA, 2008, p. 59).

Ainda no que se refere à Paraíba, a socióloga Maria Patrícia Lopes Goldfarb, *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB* (2004) se apresenta como um estudo acerca do caso dos ciganos sedentarizados na cidade de Sousa - PB, porém a partir do olhar do sociólogo<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Ver *Ciganos Calon no sertão da Paraíba: 1993 e 2000*. Frans Moonen faz um estudo acerca dos Ciganos na Paraíba para o Núcleo de Estudos Ciganos em Recife, em 2008. Ver também Goldfarb (2004) *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB*, tese de doutorado que também traz a problemática da sedentarização destes grupos em Sousa na Paraíba.

<sup>7</sup> Segundo a autora não foi possível fazer a investigação ampliando o leque de grupos e lugares na Paraíba, uma vez que a tentativa de fazer contatos com os grupos ciganos residentes nas cidades de

Esta autora se propõe a analisar a construção da identidade cigana, a partir do processo de diferenciação social, tomando por base elementos que afirmam a “ciganidade” dos grupos como a língua *calé* e o passado nômade. Quanto a sedentarização ele aponta que:

A sedentarização e a criação de uma “comunidade cigana” baseou-se na articulação de alianças entre líderes e um poder paternalista, com atitudes assistenciais asseguradas por políticos locais, desenvolvendo assim formas de fixação e estratégias de poder.<sup>5</sup> As áreas onde se localizam os grupos foram parcialmente doadas por tais políticos, embora quase ninguém possuía documentação correspondente (GOLDFARB, 2004, p. 32).

Patrícia Goldfarb (2004) traz ainda novas perspectivas para pensarmos os estudos sobre os ciganos, expandindo o leque de problemáticas, neste caso, referindo-se as questões sobre memória, já que é um dos objetivos da autora perceber como “os grupos ciganos fazem uso da memória para pensar e conceituar o seu tempo presente (de sedentarização) e o seu passado (de nomadismo)” (GOLDFARB, 2004, p. 37). Diante disso, o trabalho da autora tem como objetivo conhecer a situação atual dos grupos ciganos:

Frente ao desaparecimento do nomadismo - que permanece sendo a referência maior na definição do “ser cigano” - e entender como estes grupos se reorganizam face à sedentarização e às transformações ocorridas no seu modo de vida, analisando como grupos herdeiros de um tempo coletivo repensam, através da memória, o seu tempo vivido, por meio de um olhar que se volta para o passado, reordenando assim o tempo presente (GOLDFARB, 2004, p. 37).

Percebemos a partir destas leituras, que são variadas as construções discursivas criadas sobre os ciganos no Brasil e que existem trabalhos sobre os ciganos na Paraíba, mas que são restritos a análises sobre os grupos de ciganos que vivem em Sousa ou Patos, mas que são contribuições efetivadas prioritariamente por sociólogos e antropólogos, como já afirmado anteriormente.

Ainda não há referências escritas e documentadas por historiadores, sobre os ciganos que passaram (e que ainda estão) em Campina Grande, Cajazeiras, Queimadas, Monteiro, Galante, Lagoa de Dentro e outros lugares. Estamos,

---

Patos e Marizópolis, não foi possível devido à hostilidade entre estes e os grupos de Sousa (GOLDFARB, 2004, p. 30).

portanto, iniciando a escrita desta história numa perspectiva mais abrangente, englobando as outras cidades do estado da Paraíba.

Porém, tal questão ousada e abrangente, não será possível ser observada apenas neste texto. Outros virão em complemento, já que inicialmente, apontaremos os dados referentes à campina Grande – PB, de circulação e práticas culturais dos ciganos nesta cidade.

Pretendemos abarcar as diversas representações que receberam os ciganos na temporalidade escolhida no estado da Paraíba. Logo, percebemos que assim, divulgando que o recorrente desconhecimento da sociedade paraibana sobre os ciganos alimentou uma intolerância e um medo, não só por parte da sociedade em relação aos ciganos, mas também dos próprios ciganos em relação aos *gadjé*<sup>8</sup>, fazendo com que isso fosse disseminado com maior intensidade, sobretudo, a partir das páginas dos jornais do período escolhido (1980 – 1990).

---

<sup>8</sup> Aqueles que não são ciganos na língua *Calon*.

## CAPÍTULO 2

### “GUERRA DOS CIGANOS”: IMAGENS NA IMPRENSA, VIOLÊNCIAS NA CIDADE

Em 27 de abril de 1980 em meio às demais notícias sobre a Paraíba, entre elas, as desavenças políticas, os flagelos da seca, os grupos de extermínio, noticiados com frequência nos jornais da época, estava na capa da edição do Jornal impresso *Diário da Borborema* a seguinte manchete: “Pistoleiros foram contratados para matar o Cigano”.

A partir da manchete, os leitores podiam evidenciar a existência de grupos ciganos na cidade. Este cigano, citado na matéria de capa em questão, foi assassinado e tornou-se a primeira vítima de uma sequência de mortes dentro de sua própria família, que segundo os jornais, teriam sido ocasionadas por questões de desavenças internas na família, incluindo aí vinganças e a cobiça pela herança que possuía o mencionado cigano.

Este capítulo propõe refletir sobre a importância que a imprensa local teve para a construção da imagem dos ciganos, envolvidos nos violentos conflitos que praticamente dizimaram a família cigana dos Targino Cavalcante, na cidade de Campina Grande.

Para além dessas histórias de sangue, de ódio e vingança, descritas pelos jornais *Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba*, enquanto querelas entre famílias ciganas, a fonte ainda possibilita problematizar sobre as articulações discursivas estabelecidas entre os crimes praticados pelos ciganos e o contexto de violência mais amplo que constituía o Estado paraibano neste período.

Entre as tantas folhas amareladas, envelhecidas e quebradiças dos arquivos, onde encontramos jornais que circularam e ainda circulam em Campina Grande, outra notícia nos chama atenção, desta vez no Jornal da Paraíba e na página policial, como com frequência surgiam: “Polícia ainda procura matadores do cigano”. Em meio a outros crimes praticados na cidade, essa manchete chamava a atenção dos leitores, no sentido de identificar o cigano, e também de mostrar que estava sendo realizada uma busca através da polícia, em prol de capturarem os assassinos do Cigano Clóvis.

Várias notícias chegaram à Central de Polícia, dando conta de que os matadores do cigano encontravam-se no Estado de Alagoas, sendo acobertados pelo ex-delegado da Polinter daquele estado. (...) Toda a polícia está tentando prender os assassinos que em ato frio e covarde, mataram o cigano 'Clóvis', que faleceu no Hospital Pedro I, vítima de três tiros de Berreta 7,65 ambos nas costas, como também os familiares da vítima, que afirmaram que de qualquer maneira iriam matar todos da família dos matadores como ato de "vingança". Há exatamente três dias mataram o cigano e os matadores ainda continuam foragidos. Os parentes do morto já se encontram bastante irritados com a polícia paraibana (...). Tudo indica que se os familiares dos ciganos quiserem a prisão dos matadores de 'Clóvis' vão ter que procurá-los, pois da maneira que vai, o crime vai ficar como outros sem solução (Jornal da Paraíba, 3 de maio de 1980. p. 7).

E ao mesmo tempo em que os jornais apontam o envolvimento dos ciganos em casos de violência na cidade, também mostram que a polícia não estava agindo de forma rápida para elucidação do crime. Uma vez que, segundo o jornal, além do possível envolvimento da polícia Alagoana - de onde seriam os pistoleiros - com o crime, havia ainda o fato de que era necessário ajuda mútua entre as instituições de controle, para isso unindo a polícia paraibana com a alagoana, neste caso. Além do mais, uma vez anunciada pelos ciganos uma possível vingança, estava provocando medo na população, que já ficava a aguardar pelas novas cenas de violência.

Encontramos, pois, o que os jornais apontaram como sendo o estopim da morte de integrantes da família cigana Targino Cavalcante:

O cigano Clóvis foi assassinado de maneira fútil por quatro pistoleiros alagoanos na BR 104, imediações da Churrascaria Paulistano, fato ocorrido por volta das 14 horas, tendo os criminosos conseguido fugir utilizando-se de uma Caravan. Os quatro pistoleiros (...) vieram ao que tudo indica, especialmente para matar o conhecido Cigano, havendo suspeitas que eles foram contratados para cometer o assassinato (Jornal Diário da Borborema, 27 de abril de 1980).

A chamada do Jornal Diário da Borborema aponta para mais detalhes na página policial, era acrescida de uma fotografia do cigano Clóvis – Clóvis Cavalcanti Ribeiro -, sendo impressa na capa seu registro de identidade. Isso explicitaria, então, uma espécie de pequeno triunfo quanto à identificação do morto, uma vez que, girava certa expectativa na cidade em torno dessas pessoas.

Por serem figuras que causavam curiosidade – em alguns casos repulsa – sobretudo pelos “mistérios” que envolvem as suas vidas e pelas diferenças culturais que era observada, é possível que o fato de tê-los no seio da sociedade campinense nessa época, causou a vontade nos moradores em procurar entender o que

acontecida com esta família. Seguindo aí um discurso provocador – principalmente instigado pela imprensa - de que não estaria dentro da “normalidade” do cotidiano desta cidade, crimes interfamiliares como estes.

Nessa perspectiva, a partir da imagem impressa percebe-se que o cigano, além de ter registro de identidade, também assinou o referido documento, indicando uma possível alfabetização<sup>9</sup>. E ainda, a sua foto remete muito as características dos demais ciganos que tiveram suas imagens impressas nos jornais, o frequente uso do bigode e de chapéus compondo traços característicos a alguns dos ciganos que circulavam na cidade. Entendendo que as imagens são narrativas, e, portanto, discursos interessados, a publicização dessas imagens dos ciganos sugere que a imprensa tenta capturar em suas páginas, aquilo que escapava ao cotidiano dos campinenses: o mistério que envolvia esses ciganos.

A promessa de vingança foi cumprida, a série de crimes que ocorre após o assassinato de Clóvis possibilitará aos paraibanos acompanhar os capítulos de um enredo de sangue e violência que constituiria a história do Estado neste período. Tal como uma novela a ser acompanhada no horário nobre da TV, os conflitos entre os ciganos transformaram-se em tema de discussão e de especulação, não somente pela imprensa local, mas também, assunto a ser debatido entre as famílias; tema de debate entre os frequentadores do conhecido “Calçadão da Cardoso Vieira”, comerciantes, amigos, vizinhos e dos que estavam a passar no centro da cidade e viram alguns dos episódios que envolviam os ciganos.

Mas não apenas esse episódio ganha destaque enquanto narrativas de assassinatos e de violência, uma vez que outras histórias de crimes circulavam nestes jornais. As figuras do “Mão Branca”, de Ataliba Arruda<sup>10</sup> e de outros nomes,

---

<sup>9</sup> Os trabalhos do Antropólogo Frans Moonen (2008) e da Socióloga Patrícia Goldfarb (2004), apontam para as dificuldades enfrentadas atualmente pelas comunidades ciganas de Sousa – PB. Estes autores referem-se a grupos pobres, que precisam reivindicar políticas públicas dos governantes em prol da melhoria nas condições de vida. Diferentemente dos ciganos que viveram em Campina Grande na década que estamos analisando, que segundo os jornais e as fontes orais, eram ricos e possuíam boas condições de vida. Segundo Moonen (2004) ao tratar dos ciganos no tópico educação o autor afirma que em pesquisa realizada na década de 1990, na Europa “o analfabetismo é de 65% a 95% e normalmente a educação escolar não vai além do 1º grau” (p. 169). E já mencionando a relação da educação com os ciganos de Sousa – PB mostra que “a quase totalidade dos ciganos de Sousa nunca frequentou uma escola” (p. 169), porém afirma que esse fato não implica em ser todos os ciganos analfabetos, alguns possuem conhecimentos básicos, “aprendidos com esforço próprios”.

foram frequentemente associados à criminalidade, no período estudado. Luciana Estevam da Silva (2010) faz uma pesquisa sobre a violência urbana e a sua representação na década de 1980, verificando como o grupo de extermínio “Mão Branca” aparece nos jornais dessa época.

A autora aponta a emergência de um grupo de justiça privada, num momento em que a própria polícia, que deveria reprimir atos violentos, acabava por praticá-los, em um momento em que Campina Grande despontava enquanto cidade moderna, que estava em desenvolvimento. Nesse sentido, ela percebe que em meio ao brilho dos discursos de prosperidade que envolvia esta cidade, existiam também os atos sombrios, que maculavam a imagem da cidade moderna. Sendo alvo das diversas violências:

Sobre indícios de violência e os meios de combate à mesma, de acordo com os jornais pesquisados, vale destacar a “violência política” que demarcou o pleito eleitoral de 1982 durante as disputas pelo Governo do Estado e do Município. Aparecem referências de tensão e medo que assombravam a “abertura política” em Campina Grande bem como em outras regiões da Paraíba (Sertão e Brejo), além dos demais estados brasileiros [...] (SILVA, 2010. p. 39).

Considerando que a violência pode ter vários significados, “reflexo das mudanças cotidianas atribuída principalmente à marginalização social” (SILVA, 2010), os conflitos e violências em questão também podem ser relacionados às questões políticas<sup>11</sup> em que vivia o Brasil.

Mas, ao historiador, interessa perguntar: Por que, em meio a conjuntura de violência praticada na Paraíba, os crimes dos ciganos ganham tanta evidência? Nesse contexto, para que possamos entender esse conjunto de entrelaçamento entre os grupos ciganos e outros crimes ocorridos na época, também deve ser enfatizado o papel da imprensa em retratar essa violência que acontecia no Estado.

---

<sup>10</sup> Ataliba Arruda, natural de Campina Grande, ficou conhecido na Paraíba na década de 80, pela prática de diversos homicídios sendo considerado um pistoleiro que “metia terror” na população. Continua preso em cadeia pernambucana.

<sup>11</sup> Entre as décadas de 1960-1980, o Brasil vivenciou um período na política, em que a democracia não tinha validade, momento de ruptura na história política do país e foram períodos em que houve o envolvimento de “diversos segmentos (soldados, investigadores de polícia, entre outros) militares na prática de atrocidades bem como a formação de grupos particulares armados [...]” (SILVA, 2010). O que nos faz pensar que no final do período em que foi vivenciado a ditadura no Brasil, início dos anos 1980, existia o medo da ação desmedida das autoridades policiais em geral ocasionando outras formas de violências.



Quando falamos de violência, compreendemos como uma manifestação visível da vida cotidiana - como constrangimentos morais, uso da força, violação da integridade física. Assim como sua extensão mais invisível, subjetiva. Na interseção entre o visível e o invisível, a violência manifesta-se como produção e linguagem, como forma de se comunicar, de vivenciar e interpretar o mundo. Como aponta Certeau em *A cultura no Plural* (1995):

O fato que se impõe, antes de qualquer exame dos fatos, é que a violência esta marcada a fogo nessa “linguagem enferma” (Austin), objetivamente servil, utilizada – diga ela o que disser – pelo sistema que ela recusa e presa. Levada, “refeita”, pelas redes comerciais, cujo funcionamento socioeconômico é mais pleno de significado do que todos os conteúdos ideológicos. Um texto é transformado em mercadoria e em sintoma do sistema que o transporta e vende. Preliminar a uma discussão acerca da violência é aquilo que trai esse discurso capturado e débil. Esse discurso funciona como uma manifestação da violência, se por isso entendermos uma distorção crescente entre aquilo que ele diz e aquilo que uma sociedade faz dele. Ele se torna, ele próprio, uma linguagem da violência. Porém o retorno da violência na linguagem não nos indica somente uma nova condição do discurso na sociedade e a desmistificação do poder ao qual damos crédito desde o século das Luzes; ao analisar como se produz a não-significação daquilo que se *diz*, obtemos também um meio de encontrar aquilo que se deve *fazer* (CERTEAU, 1995, p. 87 – 88).

Essa comunicação generalizada, a experimentação visível da violência encontra outro sentido, na exposição frequente dos diversos níveis de violência enunciados nos jornais. E essa é uma das peculiaridades da violência vivenciada pelos ciganos, que tem uma excessiva visualização, e que informa a sociedade através do que se dá a ver. Isso mostra como a violência da mídia se torna algo distante do observador, ou seja, algo espetacularizado que ele acompanha nos jornais quase como uma novela.

Segundo a jornalista Fátima Araújo (1986), o Diário da Borborema apresentava-se como “um órgão de tendência ao combatismo, à exploração minuciosa dos assuntos e não apenas a banal e morna citação” (ARAÚJO, 1986, p. 337), apontando que não apenas este jornal, mas os demais na Paraíba acabam trazendo os discursos da ideologia dominante<sup>12</sup>, sobretudo, pelo fato de que

<sup>12</sup> No livro *Paraíba: Imprensa e vida*, 1986; Fátima Araújo aponta questões que envolvem a imprensa paraibana, tentando enquadrar os vários jornais e semanários em lugares de posições ideológicas. Isso se deve ao cunho marxista ao que aparentemente se coloca em sua pesquisa “a ideologia é a dimensão estrutural de toda comunicação [...] daí que procuramos captá-la no âmbito dos editoriais da imprensa paraibana, de uma forma dialética” (p. 28).

precisam manter-se dentro de um sistema. Assim, ao analisar o Jornal da Paraíba, pode-se compreendê-lo segundo a autora, como um jornal que se impõe como aglutinador das notícias paraibanas como seu próprio nome já indica.

Vemos que os que detêm o poder fazem uso da comunicação para conservar posições de relevância diante dos demais, impondo ideias e valores à opinião pública. Em 1957 é fundado o *Diário da Borborema* e em 1971 é fundado o *Jornal da Paraíba*, e ainda segundo Fátima Araújo (1986), estes jornais traziam com frequência as querelas políticas de Campina Grande e da Paraíba. E em alguns casos é possível perceber transcrições de jornais do sul do país, demonstrando o quanto o jornalismo do sul influenciava nas matérias publicadas e na forma de se fazer jornalismo na cidade.

Entendemos, pois, que o jornal enquanto uma instituição de poder, manifesta suas posições dentro dos interesses que os cercam, desde as questões mercadológicas até mesmo políticas ou outras.

As notícias sobre as violências praticadas na Paraíba refletem as mudanças que estão acontecendo num contexto maior no país. Mas o questionamento ainda nos incita a pensar: Quem seriam estes ciganos? Como vieram para Campina Grande e como se espalharam pelo Estado da Paraíba? E por que, apesar de fazerem parte de uma parte da população campinense um pouco mais abastada, eram frequentemente expostos nos jornais nas páginas policiais, onde na maioria das vezes se encontravam os populares, os de rendas mais baixas e pobres?

Ao tentar explicar o que havia acontecido com o cigano Clóvis, o jornal traz a referência de que este cigano havia chegado na cidade de Campina Grande por volta da década de 1970 e adquiriu terrenos próximo ao *Serrotão*<sup>13</sup>, chamando o grande terreno de “Fazenda da Alvorada”. E ainda mais diferente do que se possa imaginar, quando se fala ou pensa sobre ciganos na Paraíba, é ter em nosso meio, um cigano considerado como “bem conceituado”, como foi dito pela mídia: “Descendente de ciganos, Clóvis Cavalcanti era pessoa de alto conceito em Campina Grande e tinha grande relacionamento junto às autoridades paraibanas” (Jornal Diário da Borborema, 27 de abril de 1980).

Ao observarmos a situação de vida dos ciganos hoje no Sertão da Paraíba, tais como os ciganos de Souza, vivendo em situações de descaso em suas

---

<sup>13</sup> Localizado na divisa entre o São José da Mata, distrito de Campina Grande e Lagoa de Dentro.

comunidades, alguns são muito pobres e é alta a taxa de desempregados, como apontam algumas pesquisas antropológicas, sociológicas e a própria imprensa televisiva<sup>14</sup>; nem imaginamos que pudesse ter existido ciganos que tinham melhores condições de vida, chegando até a serem considerados como ricos e que não estiveram próximos daquela realidade de vida. A questão é que algo de diferente acontecia com a família do cigano Clóvis, antes mesmo da maioria da população cigana Souseense sedentarizarem-se por lá na década de 1980<sup>15</sup>. Existiram histórias de vidas diferentes.

Nos jornais, temos as indicações de outros espaços por onde circulavam e moravam ciganos na Paraíba, quando informa aos leitores onde foi o sepultamento do corpo do cigano morto:

O sepultamento ocorreu as 11:30 hs, de ontem, no distrito de Galante, onde a maioria da família reside, tendo comparecido ao ato fúnebre destacadas personalidades ligadas ao setor agropecuarista da Paraíba (...) Clóvis Cavalcanti Ribeiro deixa viúva e três filhos. (...) O Cigano era um homem forte e pacato, não tendo se envolvido em problemas de ordem familiar (Jornal Diário da Borborema, 27 de abril de 1980. p. 7).

Isso nos remete a outras questões, já que como informa o jornal ele teria sido morto por alguém da própria família e suspeitavam de sua esposa, Antonieta Alves. Para acelerar a elucidação do crime, é contratado um advogado, o que nos mostra mais uma vez que esta família cigana tinha bons recursos financeiros, tendo como advogado da família o bacharel – considerado bem conceituado na cidade - José Ramalho Leite, o que demonstra que eles conseguiram boas relações de influência em suas redes de sociabilidade na cidade.

E vemos que apesar da demora em desvendar o mistério do crime do qual o cigano foi vítima, pessoas ligadas a Secretaria de Segurança Pública da Paraíba tentaram, segundo o jornal, contato com a Secretaria de Segurança de Alagoas, a fim de encontrar e prender os supostos pistoleiros assassinos do cigano. Além do

---

<sup>14</sup> Em matéria realizada pelo Jornal Bom dia Paraíba, da TV Cabo Branco, em 24 de maio de 2011. Esta série de reportagens sobre os ciganos na Paraíba – ou melhor dizendo, os de Sousa – foi apresentada em comemoração do Dia do Cigano, instituída em 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tomando então o dia 24 de maio para comemorações desta conquista. Mas nesta série, são apresentados aos telespectadores, as condições de vida precárias em que vivem parte dos ciganos em Sousa.

<sup>15</sup> Em sua tese, já citada, Goldfarb (2004) afirma que os grupos que vivem em Sousa – PB, só se sedentarizaram entre os anos de 1982 e 1986.

mais, observamos a estima que o cigano Clóvis conseguiu na cidade, quando o jornal aponta que o cigano teria sido morto por “futilidade”, e que ele era um “homem pacato e forte”.

Essa suposta estima dita no jornal talvez se devesse ao fato de que este cigano era rico e tinha posses. Ou ainda, outra possibilidade é a questão de ser sedentário, o que fazia com que o status de ser cigano, para muitos fosse interpretado como se ele não fosse mais tão cigano, fazendo com que conhecidos e amigos os estimasse enquanto uma figura popular.

Continuando a analisar as reportagens, no sentido de perceber a construção das imagens formadas pela imprensa sobre os ciganos, vemos que não apenas os ciganos viviam sob tensão, mas a população também, já que fora anunciada a “vingança” por parte da família cigana. E uma manchete deixa o alerta: “Cigano ‘Bitó’ afirma: “os pistoleiros irão pagar caro a morte do meu irmão”. Essa foi a declaração do Cigano Severino Cavalcante Targino (Bitó)– irmão do cigano Clóvis que havia sido morto.

Entre as suas declarações, trazidas à tona pelo jornal Diário da Borborema, vemos que ao que parece, o cigano Clóvis organizava a vida deste grande clã familiar. O cigano Bitó afirma:

Não suportei a grande dor. Meu irmão foi assassinado covardemente pelos bandidos, Clóvis era um homem admirado por toda Campina Grande. Era pacato e trabalhador. A sua morte nos deixou triste, tínhamos Clóvis como um pai. Ele dava conselhos; tratava dos negócios da família, enfim, fazia tudo em benefício de todos (Jornal Diário da Borborema, 29 de abril de 1980, p. 7).

A partir destas declarações do cigano Bitó, vemos o esforço feito por parte dos familiares ciganos no intuito de fazer a justiça. Até se deslocaram para Alagoas a fim de encontrarem os assassinos, como mostra o jornal: “familiares da vítima estiveram na noite anterior nas proximidades da cidade de Arapiraca, no estado de Alagoas, onde colheram todas as informações sobre o paradeiro dos quatro perigosos bandidos” (Jornal Diário da Borborema, 30 de abril de 1980, p. 7).

A ideia da vingança se tornou bastante presente nas vidas destes ciganos a partir das seguidas mortes que vieram a acontecer. Ao mesmo tempo em que as declarações do cigano mostram o desconforto da sua família com relação a morte

deste que era pai e irmão, significando possíveis vinganças, e mais violência, mostra que a família era algo bastante importante para esse grupo<sup>16</sup>.

E em meio aos mistérios envolvendo estas mortes, é declarado pelo jornal, que o cigano Germano estava sendo acusado de ter assassinado sua própria mãe, a doméstica Antonieta Alves Cavalcanti Ribeiro, no dia 1º de julho de 1980. Note-se que Antonieta é chamada de *doméstica* e não de cigana. As entrevistas apontam nesse sentido, para mostrar que ela não era cigana, de nascimento, mas tornara-se uma após o casamento com o cigano Clóvis.

Nesse sentido é bom observarmos a diferença relativa ao “tratamento” entre um cigano e outro, mesmo fazendo parte do mesmo grupo étnico. Para o cigano Clóvis o jornal aponta ideias como de um homem forte, pacato e bom. Já a imagem relacionada ao seu filho, o cigano Germano, não será da mesma forma, já que este seria o 5º inquérito policial no qual se envolvia nesta cidade, em menos de dois anos. E que pela narração dos fatos seria causador de desordem, se envolvendo frequentemente em brigas.

Outra questão que chama atenção nessa matéria é no que diz respeito ao nome do cigano, que ora é chamado *Clóvis Cavalcanti Ribeiro* e ora de *Cosme Cavalcante Targino*. Isso demonstra a dificuldade em identificá-los, mesmo como no caso deste cigano, que teve seu Registro de Identidade Nacional impresso nas páginas do jornal. A confusão se dá também pelo fato de que os próprios familiares acabaram informando outros nomes - e não aconteceu isso apenas com o cigano ‘Clóvis’.

Outra cena de violência, envolvendo os ciganos moradores desta cidade, acontece. Sendo considerado o “homicídio que abalou a cidade”, a viúva do cigano Clóvis - Antonieta Alves Cavalcante - foi assassinada em sua residência, na Fazenda Alvorada, segundo as informações do jornal, pelo sobrinho de Clóvis, o cigano “Tilico” e com a ajuda do filho da vítima, o cigano Germano.

A questão da morte de Antonieta se torna, de certa forma, um ponto esclarecedor, no que se refere às investigações sobre o crime em que foi vítima o

---

<sup>16</sup> Segundo Cristina da Costa pereira, no artigo *O povo cigano e sua vida tribal, comunitária: a família* (2004); afirma que os laços tribais e de parentesco são tão fortes entre os ciganos que eles tratam-se entre si como parentes a todos, comprovando a consciência de unidade étnica. “As relações de parentesco entre eles são bastante valorizadas e bem determinadas. Nas famílias conjugais (pai, mãe e filhos) o pai é a autoridade principal. As pessoas mais velhas da família extensa são responsáveis por problemas de ordem *moral* (...) *econômica* (...) ou *política* (...) que digam respeito as pessoas do grupo (PEREIRA, 2004, p. 112).

cigano Clóvis; já que as indicações do jornal apontam, para o fato de haverem disputas, entre os familiares, por causa da herança deixada pelo cigano. A Fazenda Alvorada – situada no Serrotão - custava em torno de 80 milhões de cruzeiros, e isso teria levado ao crime de Antonieta, já que um de seus filhos, segundo o jornal, esteve envolvido no crime.

Em 03 de julho de 1980 o jornal anuncia: “Quatro ciganos implicados no crime da viúva”. Estes eram os ciganos Miranda, Abílio e Newton que foram levados a delegacia, apontados como os principais acusados. As imagens dos ciganos estão estampadas na capa do jornal, e apontam para um enquadramento, pois haviam sido presos, aparecendo assim, apenas parte de seus corpos, como fazem com as imagens de outros que não ‘obedecem’ as leis.

O discurso dos jornais traçam as violentas histórias desses ciganos como sendo cheias de mistérios e de estranhamento cultural. Histórias sobre personagens que acabam atrapalhando a ordem pública, tornando-se, por vezes, focos dos órgãos disciplinares. Afirmando que:

A briga dos ciganos, consequência da disputa pela valiosa herança deixada pelo agropecuarista Cosme Cavalcanti Targino – Cigano Clóvis – é um complicado caso, que está confundindo até mesmo a polícia de Campina Grande, já que envolve irmãos, primos e sobrinhos. Há mútuas acusações entre eles, pois o assassino de d. Antonieta foi interpretado por ‘Miranda’ como uma compensação, insinuando que a vítima teria implicações no crime do cigano Clóvis, esposo de d. Antonieta e irmão de ‘Miranda’ (Jornal da Paraíba, 03 de julho de 1980, p. 7).

Esta indicação do jornal de que os crimes não estão sendo elucidados, nos mostra como estes sujeitos são de fácil dispersão, já que todas as vezes que algum crime foi cometido, tendo algum deles como suspeito, rapidamente conseguiam se esvaír, fazendo a polícia se movimentar e ao não encontrá-los, entender como crimes incompreensíveis. Pelo que percebemos, ao serem indiciados a comparecerem na delegacia, os ciganos acabam por apontar uns aos outros como culpados em seus depoimentos, além de apontar ainda possíveis localizações dos furtivos.

Nessa perspectiva, ao tomar a imprensa como uma das fontes de pesquisa entende-se que a linguagem jornalística analisada sob a ótica da História Cultural, será apropriada como uma prática cotidiana que produz representações e através destas é possível que os sujeitos, os leitores, dêem sentido ao mundo:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de que os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002. p. 17).

E a representação das imagens dos ciganos, veiculadas na imprensa é que os transformam nos novos atores dessa história. Desta forma podemos compreender como que pela representação são classificados ou excluídos sujeitos sociais de um tempo ou de um espaço.

Os personagens desta história são intercedidos por uma intensa rede de sociabilidade e também de discursos que os exageram. Os ciganos preferem o movimento. A errância é como uma antipatia à fixidez, logo a fixação pode significar a produção de uma possível dominação. Definidos pelo movimento podem ser entendidos pelos pressupostos de Deleuze e Guatarri (1997), já que as vidas destes ciganos são marcadas pela mobilidade contínua:

É nesse sentido que o nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente por que a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa* como o sedentário [...]. Para o nômade, ao contrario, é desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p. 53).

Isso pode ser percebido pela própria forma com a qual eles mesmos constroem suas identidades, ao mudar de nome, de lugar ou de moradia, mesmo que retorne a terra. Por isso a dificuldade em capturá-los, tendo em vista que os próprios nomes são fluidos.

Através da imprensa também é possível perceber como as autoridades tinham dificuldades em capturar os ciganos, já que sempre que uma nova cena de sangue acontecia na cidade, eles escapavam. Pretendemos compreender a forma como os discursos, os comportamentos e as atitudes dos diversos atores sociais envolvidos neste processo refletem a existência de tensões na estrutura social

campinense. Interessa-nos aqui, com os estudos de Michel de Certeau<sup>17</sup> sobre o cotidiano, essas formas subterrâneas de convivência, sobretudo com o que é imposto pelos que detém o poder.

Entende-se por tanto que o território do nômade é o não fixo. Neste caso, a cidade de Campina Grande, como lugar de moradia fixa, seria apenas o suporte para nomadismo - já que a sedentarização aparece mais como uma estratégia usada para quando entram em confronto - estando, pois em frequente deslocamento pelo Nordeste do Brasil.

Ao mesmo tempo em que era possível fugir da polícia ao ser indicado como autor de algum delito, por outro lado esta também serviu como apoio em alguns casos. Segundo os jornais, o cigano George filho de Antonieta e Clóvis, foi até a polícia para pedir garantias de vida, já que segundo o cigano, a briga não teria fim agora e que seu irmão o cigano Germano era seu inimigo, podendo tentar contra sua vida.

Em matérias como esta apresentada em 04 de julho de 1980 “Cigano Germano pode ter atirado na mãe”, mais uma vez, suas imagens são apresentadas à população campinense nas páginas policiais. Mas nessa matéria é possível localizá-los no espaço desta cidade, já que são anunciados os locais onde moravam. No caso do cigano Germano, que era casado com a sua prima, filha do cigano ‘Abílio’, morava na Fazenda Três Irmãs. Pode-se observar que a maioria deles morava em lugares onde podiam plantar e criar animais, sendo também localizados um pouco mais afastados do centro da cidade.

Nesta mesma matéria o jornal traz a imagem do cigano Germano, como “um jovem perigosíssimo” para a sociedade campinense. Percebe-se, portanto que interessam aos jornais apresentar essa imagem do cigano como “perigoso”, como “escorregadio”, “como baderneiro”. Chegando até a afirmar que este teria cometido o matricídio por causa da herança da família, que agora seria dividida entre ele, o cigano George e sua irmã a menor de idade, Luciana Alves Cavalcanti.

---

<sup>17</sup> Certeau (2007) aponta as questões relativas às táticas dos praticantes, entendidas também como o movimento que nem sempre é percebido dentro do campo “inimigo”. Nesse sentido, as micro liberdades apontam para uma mobilidade produzida no espaço praticado por parte dos ciganos que praticavam o espaço da cidade moderna.



Essas mortes interfamiliares provocaram um estranhamento nas pessoas que assistiram todo o desenrolar das histórias e os discursos dos jornais ao anunciar esses crimes fazem deles, pessoas “diferentes” dos não ciganos. Porém devemos pensar que o medo, a discórdia, o ressentimento, o desejo de vingança alimentam os valores de honra, coragem, valentia. Entendendo o conflito como algo inerente às relações sociais, produtor de formas de sociabilidades, esses valores se tornam importantes nos processos de sociabilidade desses grupos familiares.

A família é uma das instituições que recebe o maior amparo desses valores, pois se entende que é a partir deste lugar, que será garantida a ordem de uma sociedade, saudável e construtiva. Entendendo que uma sociedade se equilibra a partir desta instituição, e a partir de então se forjou as ideias do que seria normal e anormal.

Já que, o lugar da família é de uma instituição social que marca o lugar da moral e do discurso de bem estar dos sujeitos. O ato matricida, parricida ou qualquer outro ato de assassinato em que estejam envolvidos membros de uma mesma família, é incompreendido, por que se existe essa normalidade, essa ordem, que motivo teria um filho para cometer um crime contra o sujeito que lhe deu a vida? Sendo então entendida como uma monstruosidade, um desvio.

Quanto ao momento vivido pela família, percebe-se a partir dos discursos dos jornais, que viveram momentos de medo e insegurança. Abandonaram a Fazenda Alvorada – alvo de muitas desavenças - e a filha mais nova, do casal morto, foi passar uns tempos com a família do advogado. Esta questão nos remete ao vínculo afetivo criado entre os ciganos e os que os ajudavam, como no caso do advogado, um *gadjé*, que por medo de atentados, acabou levando a filha de seu contratante embora da região.

Os ciganos Abílio, Miranda e “Tilico” ficaram presos e surgiram outras figuras nesse enredo. Denuza, tia de Germano e suas filhas Mércia e Madalena, que juntamente com Luciana, afirmando ter sido Germano o causador da morte de Antonieta, ajuda nas buscas ao cigano foragido, dizendo que ele poderia estar em Patos ou Nazaré da Mata, mais duas localidades de circulação dos ciganos.

Antes de continuarmos a nossa análise sobre os discursos dos jornais daqueles anos, é importante ressaltar que através da imprensa é possível escrever a história, sobretudo a partir do momento em que o historiador passou a valer-se de

uma gama de fontes que passaram a intermediar o diálogo para a escrita da história. O que de alguma forma renovou a história no que se refere às temáticas, se tornando bem mais diversificadas, com o fortalecimento da história cultural, estendendo os trabalhos com características de estudar as representações e as práticas culturais e sociais.

Porém esse alargamento das fontes possibilitou pensar também em como poderiam ser usadas, uma vez que o pesquisador deve estar alerta para o uso do material. Entendemos que este não é apenas um produtor de mensagens informativas que podem ser extraídas de qualquer forma. A historiadora Tania Regina de Luca (2006), ao discutir sobre a utilização dos periódicos enquanto fonte par ao estudo da história, afirma que “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970 ao lado da história da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (p. 118).

Mas também não era apenas os ciganos que apareciam nas páginas policiais. Nas páginas de *Opinião* é evidente as manifestações de jornalistas e outros escritores buscando entender esse momento vivido pelo estado em que a violência estava afligindo todas as áreas, tanto na zona urbana, com nas zonas rurais de algumas regiões do estado da Paraíba.

Um destes foi o artigo publicado no *Jornal da Paraíba*, por Armando Oliveira Lima intitulado: “A violência é necessária?” publicada no caderno de Opinião, que expressa o pensamento de intelectuais acerca do tema:

Em resumo, dor e violência do ponto de vista dialético, são veículos positivos de aprimoramento moral e social aqueles que as sofrem dor e violência, entretanto, do ponto de vista ético, são fatores negativos da degradação moral e espiritual, eles que a deflagram. Disse o Cristo: “É necessário que venha o escândalo; mas ai daquele por quem o escândalo vier”. Nessa linha de raciocínio forçoso é reconhecer que se a história tem sido até agora violência inevitável que os que não podem ver além dela prossigam desencadeando o seu processo, nem por isso, contudo, por que a história tem sido violência, deixarão os homens de ser responsabilizados por ela, não obstante os resultados positivos que em certo sentido produz (Jornal da Paraíba, 26 de julho de 1980, p. 4).

E não apenas este autor publica algo sobre a violência. José Leite Sobrinho<sup>18</sup> também faz suas considerações acerca do problema da violência no estado da

---

<sup>18</sup> Jornalista. Nasceu em Campina Grande em 21 de maio de 1928. Colaborou em dezenas jornais e associações literárias de Campina Grande entre as décadas de 1950 a 1960. Entre os periódicos,

Paraíba, verificada nos anos 1980. No artigo intitulado “Deu a Celebrina”, fazendo uma relação do cotidiano de violência vivido na Paraíba com acontecimentos do estado do Rio de Janeiro, mas deixando sua crítica quanto aos acontecimentos relacionados ao Mão Branca<sup>19</sup>, que seria como uma transposição vinda do sul do país.

Conforme era previsto, pegou fogo mesmo o assunto MÃO BRANCA e foi soltando muita “labareda”. As medidas tomadas pelo governador Burity devem estar certas e ao que tudo indica mais lenha será jogada nessa fogueira. Essa história de esquadrão da morte, surgiu no Rio de Janeiro e ramificou-se até chegar a nossa pequenina Paraíba, com toda a pressa que vai. Com as primeiras atividades houve tremendo “rebuliço” no mundo do marginalismo. Alguns chegaram a pedir pra ficar “de graça” nas delegacias e outros tiraram umas justas férias e se mandaram para o justo descanso em outras plagas. Nós os habitantes, ordeiros, ficamos até sem receio de andarmos a noite por certas ruas, deixamos a chave dentro do carro e as casa deixaram de ser arrombadas (Jornal da Paraíba, 26 de Julho de 1980, p. 4).

Nesse clima de tensão na cidade, a sociedade campinense organizou um seminário que teve como tema a ser discutida, a Violência. Dentro do Seminário sobre Violência no Brasil, palestrantes criminalistas, juristas, advogados e outros participantes, discutiram o tema, mostrando o que estava sendo preocupante para a população e dirigentes da ordem.

Notamos, portanto, que não são apenas os ciganos que representam e configuram o espaço campinense como violento; na verdade, eles fazem parte desta ‘fase’ considerada como violenta no estado paraibano. Encontramos entre as encadernações do *Diário da Borborema*, uma matéria do *Diário de Pernambuco* e vemos que a preocupação com a violência não era apenas vivenciada pelos campinenses e paraibanos. Tudo indica que esta parecia ser uma questão nacional, tendo em vista que já vimos com o artigo de opinião de José Leite, que o Rio de Janeiro vivenciava antes dos paraibanos a ação de grupos de extermínio e de gangs que assombravam a população.

---

destaque para O Rebate, Revista Manaíra e A Ordem (jornal da Maçonaria que chegou a ser diretor). Entre as associações literárias, destaque para O Clube Literário de Campina Grande, da qual foi secretário durante vários anos (GAUDÊNCIO, 2011).

<sup>19</sup> Este foi o nome dado a um grupo de extermínio que existiu em Campina Grande – PB, durante a década de 1980.

Nesta mesma matéria do *Diário de Pernambuco*, nota-se a tentativa de mostrar explicações à sociedade, para que entendam o que está acontecendo, o porquê de tanta violência. Isso, encarando-a como sendo causa de divergentes posições entre concepções de juízes, advogados e criminalistas. A violência é “Produto do desalento”, “ligada à miséria” entre outras questões, vejamos no texto de Venceslau Tavares publicado no jornal:

É difícil oferecer uma explicação geral sobre a gênese do comportamento violento. As causas são variadas e múltiplas. A violência sempre existiu. Desde o gesto fratricida de Caim toda história humana registra atos de violência. Na sociedade contemporânea a escalada da violência esta ultrapassando os níveis de controle. Além das causas de natureza psicopatológicas e dos condicionamentos sociais, há quem atribua à violência generalizada no mundo de hoje, ao medo inconsciente que se instalou no homem diante da possibilidade de desintegração atômica e consequente aniquilamento da espécie humana (...). A afirmação é do criminalista e deputado federal Sérgio Murilo Santa Cruz (...) acrescentando que o “aumento dos crimes de impiedosa violência tem sido objeto de preocupação no mundo inteiro (...). Comparando a violência nos diversos países, o parlamentar revelou que “na Inglaterra, o crime atingiu dimensões tais que se cogitou da criação de um Ministério do Crime (...). O vandalismo tem se expandido também na união soviética (...). A ONU recentemente realizou um simpósio sobre prevenção do crime e tratamento dos delinquentes (...). A acentuada desigualdade econômica e a clamorosa injustiça social são, sem duvidas, as principais matrizes da violência que esta atingindo níveis alarmantes (...) (Jornal Diário de Pernambuco, 10 de fevereiro de 1980, A-27).

Mas ainda no mesmo artigo, vemos sugestões de como melhorar esta situação, considerando algumas colocações:

Na sua maneira de entender, Otávio Augusto Cavalcanti, advogado, explica que: “evidentemente que, tendo a sua origem no quadro social, as medidas para conter a violência reinante devem ter caráter preventivo, através de soluções que eliminem as distorções existentes, assegurando às classes mais desfavorecidas um padrão de vida digno e menos humilhante” (Diário de Pernambuco, 10 de fevereiro de 1980, A-27).

Em meio a todo este processo de violência e cenas de morte que foi anunciado nos jornais e que os perseguem como sangue escorrendo, é que estão inseridos os ciganos e os acontecimentos que marcaram a vida destes.

Lembramos que uma característica interessante com relação a estes ciganos que moravam em Campina Grande, é que tinham condições financeiras boas para garantir a sobrevivência do grupo. Observamos que ao mesmo tempo em que o cigano Germano estava foragido, o seu irmão cigano George tratava de adiantar o

processo para ter a sua parte da herança. Notamos que para tanto, contratou o “renomado criminalista Geraldo Beltrão” para resolver as divisões de terra da Fazenda Alvorada, havendo por tanto condições de efetuar pagamento a advogados e criminalistas - até de outras localidades - para resolverem seus problemas.

Envolvidos em mais um episódio de morte, e mesmo não tendo seus nomes estampados na capa, estão lá e surgem mais uma vez, novas figuras. A manchete anuncia: “Identificado o autor da morte de Wagner” se apenas procurássemos as notas e manchetes que tivessem o nome ‘cigano’, talvez não tivéssemos visto o envolvimento deles neste crime.

A fim de manter características de jornal investigativo, os ciganos também pareciam ser investigados pelos jornalistas. Esta matéria diz respeito ao assassinato de um jovem estudante do curso de engenharia, que teria sido morto, por um funcionário da UFPB em conjunto com Oscar Bernardinho, que estava atuando de guarda-costas do cigano George. Este é considerado pelo jornal como “fino pistoleiro e jamais se apresentaria por ser um elemento de alta periculosidade que se encontrava nesta cidade a mando de “Dedé Boiadeiro” para dar cobertura ao Cigano George” (Jornal da Paraíba, 15 de outubro de 1980, p. 7).

Segundo o jornal, o universitário Wagner Pinto Peixoto observou uma colisão entre carros e percebeu que o um dos carros havia fugido, ele saiu em perseguição e recebeu um tiro, fato que aconteceu em 1º de outubro de 1980. Depois de um novo depoimento do cigano George, é que foi revelado seu parentesco com Oscar Bernardinho, que seria então seu primo. A partir disso o jornal passa a trazer notícias sobre o “Caso Wagner” com mais frequência, informando notícias como esta, que enfatizam o mal que foi feito a partir deste crime:

Cunhada de Wagner foi vítima de um assalto: foi assaltada na tarde de anteontem por volta de 18:30 horas em frente ao supermercado Hiper Bom Preço a jovem RMS cunhada do fotógrafo Wagner Peixoto que foi assassinado há cerca de 15 dias pelo pistoleiro Oscar Bernardinho primo do cigano George. (...) na manhã seguinte compareceu à central de polícia (...) levando o fato ao conhecimento das autoridades policiais para que tomassem as devidas providências urgentes (Jornal da Paraíba, 26 de outubro de 1980, p. 7).

O fato de Oscar Bernardinho ser primo do cigano já altera a forma com a qual o jornal passa a falar sobre o assunto da morte do jovem Wagner. Já não é citado o nome do funcionário da UFPB, e apenas o Oscar Bernardinho - já que era perigoso

e membro de família de ciganos e ainda por cima pistoleiro<sup>20</sup> – seria o verdadeiro culpado. Em entrevista concedida ao *Jornal Diário da Borborema*, Oscar Bernardinho faz acusações ao cigano George, com relação ao crime do jovem Wagner.

A morte do estudante Wagner, foi em 1981, porém apenas em 1982 o principal acusado é preso, e então a partir disso é apontado como autor de vários assassinatos do interior nordestino:

“Juarez” como é mais conhecido Oscar Bernardinho ainda permanece no isolado no Presídio Regional mas já manteve contatos com o advogado Aimbaré Arruda de quem espera apresentação de um Habeas Corpus junto a 1ª Vara Criminal para ganhar a sua liberdade no menor espaço de tempo possível, já que segundo ele se houver justiça em Campina Grande ele não permanecerá muito tempo preso sem no entanto ser posto em liberdade (Diário da Borborema, 5 de setembro de 1982, p. 7).

A questão de ter outro nome nos chama atenção e mais à frente vemos outras indicações para se pensar a identidade cigana:

Nestes últimos dois anos em que passou entre os estados de Alagoas e Bahia, Oscar Bernardinho de Moraes disse que trocou o seu nome verdadeiro por Helio Tenório Cavalcante já que temia identificar-se para não ser preso, pois já que sabia da existência de vários mandatos de prisão contra sua pessoa por ser acusado de vários delitos contra quase uma dezena de pessoas nos sertões de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Bahia e Paraíba. Para Oscar ele tem que ser solto dentro do menor espaço de tempo adiantando que tem filhos, mulher e seus negócios para cuidar e por isso não pode ficar na cadeia para responder por um crime que não cometeu (...) (Diário da Borborema, 5 de setembro de 1982, p. 7).

Ainda afirma que se o cigano George, seu primo, não estivesse precisando de sua ajuda, ele não estaria encarcerado desta forma, pois afirma não ter cometido crime algum:

---

<sup>20</sup> Os pistoleiros acabaram ocupando lugar de justiceiros na sociedade. Ele é quem executa a ação, devidamente a mando de outra pessoa. Assassinatos como o de Margarida Maria Alves (líder de lutas camponesas na Paraíba) praticado por pistoleiros, mostram geralmente quando se falava em pistoleiro, associava-se logo a zona rural, a fazendeiros portadores de grandes extensões de terras, que mandavam matar pessoas para se manter no poder. Porém o que vemos em nossa pesquisa, é que crimes como este, tiveram as grandes cidades como palco, deixando assim de ser eminentemente rural. Moradores de Campina Grande e outras localidades na Paraíba vivenciaram climas tensos ao verem a passagem de pistoleiros pela cidade.

(...) Foi ele quem o trouxe de cachoeirinha em Pernambuco onde estava residindo desde o tempo em que abandonou a vida de cigano, viajando por todo o Brasil (...). Disse ainda Oscar que não é pistoleiro e tem horror a esta classe que mata pessoas friamente embora pesem contra ele varias acusações de fazer parte de um grupo de profissionais do gatilho temido por todo sertão alagoano (...). Sou primo daquele homem. Era sobrinho da mãe de George. Só vim à Campina Grande por que os ciganos da minha familia disseram que ele estava em situação difícil e por isso sabendo que George estava sem pai e sem mãe e vivendo dias de desespero tratei de dar-lhe alguma ajuda com a finalidade de procurar evitar ele ser morto (...) (Diário da Borborema, 5 de setembro de 1982, p. 7).

Na fala de Oscar, segundo relatou o *Diário da Borborema*, vemos a dificuldade enfrentada pela polícia em encontrá-los, já que como o mesmo afirmou, mudou de nome para não ser descoberto. Possivelmente a mudança de nome, ilegalmente, foi realizada com frequência pelos ciganos, já que ao falarem sobre Oscar, dirigiam-se como 'Juarez', assim como ele mesmo afirmou, também chamado de Hélio Tenório Cavalcante. Isso confirma ainda mais a ideia de que eles são sujeitos que deslizam com facilidade, que fogem às regras que não são próprias de suas leis.

Além do mais observamos a ideia de *não ser mais cigano*. Segundo Oscar, estava vivendo em cachoeirinha – Pernambuco, havia tempos, já que não era mais cigano. Para ele por tanto deixar de viajar pelo Brasil e não mais acampar, seria o fim de sua ciganidade. A não perambulação foi sinônimo de uma mudança de identidade na vida deste sujeito, talvez por isso também as mudanças de nomes<sup>21</sup>.

Mas percebemos o elo com o grupo, uma vez que ele saiu de sua residência fixa – assim como os que moravam em boa parte da Paraíba nos anos 1980 - em outro estado para ajudar a família cigana na Paraíba. Isso nos mostra como a ligação com a família é importante para os ciganos, portanto ele não deixou de ser cigano ele apenas não continuou como nômade. Sua identidade enquanto cigano, que sempre em construção foi sendo moldada a partir de outros valores, de outras vontades.

---

<sup>21</sup> Há outra questão a ser colocada em relação aos nomes dos ciganos. Pereira (2009) afirma baseada em sua pesquisa de campo, que: "Costuma-se dizer que a criança terá três nomes: o nome secreto só de conhecimento da mãe, e que é soprado no ouvido do recém-nascido para espantar os maus espíritos (...). O segundo nome é o de batismo cigano, que é de conhecimento da tribo. O terceiro nome é o do batismo católico, que será usado na sociedade não cigana (PEREIRA, 2009. p. 67). Podemos imaginar que o uso de diferentes nomes, esteja imbricado na própria ideia de ciganidade.

Mas eles não estavam sempre às voltas com a polícia por causa de crimes em que estavam associados ou que cometiam. Prova disso é que em 22/10/1980 o cigano Jânio Cavalcante Ribeiro teve seu veículo roubado e precisou dos serviços da polícia em seu favor. Residente no José Pinheiro, ele havia estacionado o carro próximo de casa, mas não escapou de ter seu veículo levado por “puxadores de carro”, fazendo-o ir a polícia prestar queixa do roubo.

E por que esta matéria no jornal? Qual o interesse de mostrar todos os passos dados pelos ciganos? No que se referem aos ciganos, os jornais fazem um verdadeiro diário do crime a partir deles. Quase sempre a palavra ‘cigano’, nos jornais, diz respeito à criminalidade, como já aponta Moonen (2004) ao tratar dos ciganos em países da Europa, mostrando como são representados

(...) cigano continua, por definição, sendo caso de polícia, e queixas sobre sua criminalidade são constantes. Por outro lado, quando se trata de ciganos, classifica-se como “crime” qualquer infração de menor importância. Um dos municípios, para justificar a contratação de mais policiais, informava que nos primeiros dez meses de 1985, os ciganos foram 122 vezes condenados por crimes. Só que uma análise da relação destes “crimes” mostra que em quase todos os casos se tratava de simples brigas por causa de embriaguez, dirigir sem carteira de motorista, não ter atualizados os documentos do carro ou não respeitar as leis do trânsito, infrações normalmente punidas com uma multa financeira, mas nunca classificadas como “crime”, a não ser e exclusivamente quando se trata de ciganos, por isso, nos países baixos, quem cuida de cigano é a polícia porque, para o governo, cigano é um criminoso confesso ou em potencial, um marginal desajustado que precisa ser constantemente vigiado (...) (MOONEN, 2004, p. 155).

Segundo o autor, isso se deve por falta de assistência e devido a política anticigana que é praticada em vários países. Isso dificulta o acesso a políticas públicas que são direitos, mas por não terem uma nação acabam sendo excluídos desse processo.

Durante séculos tem-se a figura do cigano como aquele que comete furtos para sobreviver, ou ficam a vida a enrolar as pessoas com as leituras de mãos ou com as trocas de produtos usados. E diante dessas imagens se cristalizou a ideia de que o cigano deve estar aos cuidados da autoridade policial. A imagem de “perigosos” que marca os ciganos não pode ser visto como uma essência, como algo natural, mas ao contrário, trata-se de uma construção histórica.



## 2.1- E fechou-se o tempo: continua os episódios da “tragédia dos ciganos”

Lá estavam mais uma vez seus rostos, suas vidas expostas nas páginas policiais dos jornais. “A violência voltou a se registrar no meio da família dos ciganos de Campina Grande” – assim foi anunciada a morte do cigano Germano pelos jornais:

Uma sequência de crimes impressionantes vem destruindo uma numerosa família de agropecuaristas em Campina Grande, sem que, até agora, a polícia tenha tido a capacidade para evitar tal extermínio. Pai, mãe e filho, todos da família cigana dos Cavalcanti Targino Ribeiro foram eliminados pelos próprios membros, além de um outro gravemente ferido, isso em pouco menos de um ano, e nenhuma providência das autoridades policiais foi tomada para que o extermínio fosse evitado. Ontem por volta das oito horas da manhã, foi assassinado com dois tiros de espingarda “12”, que lhe atingiram a cabeça e o tórax, o cigano germano Cavalcanti Ribeiro, 24 anos de idade, casado, pai de um filho e que reside na localidade Três Irmãs. O autor dos disparos foi seu irmão George Cavalcanti Ribeiro (Jornal da Paraíba, 20 de fevereiro de 1981).

Parecia mais uma perseguição dos jornais aos ciganos, buscando mostrar cada passo que davam na cidade. Ainda assim, os discursos pronunciados pelos jornais chamam atenção ao considerar os ciganos enquanto cidadãos campinenses, afirmando a pertença deste grupo à cidade: “A violência voltou a se registrar no meio da família dos ciganos de Campina Grande” (Jornal da Paraíba, 20 de fevereiro de 1981. p. 7).

Contudo, aparentando serem destemidos e corajosos, e até mesmo por terem essa fama, existia um medo que rondava os ciganos no dia a dia. Não por menos que quando a polícia chegou ao local do crime e ao vasculhar o corpo e o carro da vítima encontrou indícios que nos fomentou essa questão. Além do mais a reportagem também explicita o crime para não deixar dúvidas quanto ao crime não ser motivado por assalto, mas por “vingança” de George:

As armas apreendidas na cinta do cigano assassinado e no interior de seu veículo foram: 2 revólveres calibre “38” munições; uma espingarda “2”; também muniada; duas foices novas, uma peixeira de 9 polegadas; e um facão, além de cerca de 50 balas de revólveres. Na bolsa do cigano Germano foi encontrado a importância de Cr\$ 3 mil e 500 cruzeiros, 4 talões de cheques, no valor total de Cr\$ 100 mil cruzeiros várias notas promissórias, talões de cheque e toda a sua documentação. Ele ia saindo com seu veículo quando foi eliminado pelo seu irmão George. Os objetos, armas e dinheiro apreendidos pela polícia serão entregues a esposa da vítima Celiane Alves Cavalcante (...). Ela agora vai herdar tudo o que

pertencia ao seu marido e primo (Jornal da Paraíba, 20 de fevereiro de 1981, p. 7).

Ainda nesta citação percebemos a preocupação do jornal em apontá-los e comprovarem que eram sujeitos que ofereciam perigo à sociedade. Uma vez que, além de fugirem com facilidade, ainda conseguiam andar bem armados – nem todos possuíam porte de armas. Além do mais, aponta mais uma vez a característica de que estes ciganos tinham boas condições financeiras, já que mostram a quantidade de dinheiro que a vítima possuía, além de indicar que o crime parece realmente ter sido motivado por vingança, pois nada lhe fora subtraído.

Chama atenção ainda o fato de que quase um ano depois dos primeiros incidentes envolvendo os ciganos é que os agentes de controle da cidade tomam conhecimento do assunto, e articulam maneiras de resolver o problema,

O secretário de Segurança Estadual, cel. Geraldo Navarro, tomou conhecimento deste crime através do superintendente de polícia bel. João Ferreira de Farias, e determinou que a prisão do cigano assassino fosse efetuada o mais breve possível, pois ele não aceitava vinganças desse tipo em sua administração, e que os culpados teriam de pagar pelos crimes cometidos. (...) Enviou telex a várias cidades e estados, pedindo assim a colaboração de outros companheiros, no sentido de prenderem George Cavalcante (Jornal da Paraíba, 20 de fevereiro de 1981, p. 7).

A preocupação das autoridades em prender o cigano, parece estar mais ligada ao fato de que eles enquanto instituições de poder tinham por obrigação manter a ordem na cidade. Não queriam que a cidade ficasse conhecida por cenas de sangue e de crimes, sobretudo crimes não resolvidos na justiça. Além do mais, passaram a observar os ciganos enquanto sujeitos que ofereciam perigo à população.

Sobre a questão familiar, quase não era abordada pelos jornais a comoção dos parentes diante dos crimes entre seus familiares. No caso do cigano Germano, sua morte foi divulgada desde o momento em que foi assassinado e depositaram a imagem de inúmeros curiosos ao redor do corpo.

Na central de polícia, eram muitos os familiares do filho de 'Clóvis', todos choravam e alegavam já esperar por isto. A tia do cigano assassinado, sra. Diva Cavalcanti Targino, irmã do cigano 'Clóvis', chegou a desmaiar. A polícia foi obrigada a usar a violência em alguns momentos, para evitar que os familiares da vítima, invadissem o necrotério para ver o corpo de Germano banhado de sangue. No momento do crime ele estava todo de

preto. Calça, camisa e botas, como sempre anda. Apenas o chapéu era branco e ficou totalmente perfurado pelo chumbo de um dos disparos da espingarda “12” (Jornal da Paraíba, 20 de fevereiro de 1981, p. 7).

A Delegacia de Vigilância Geral e Costumes, em Campina Grande, iniciou uma “blitz” na cidade. Não apenas para apreender armas sem autorização legal, como também, para prender “marginais” foragidos. Por outro lado, o Secretário de Segurança Pública do Estado confirmou que teria dado um porte de arma para o cigano George. Porém, diante dos acontecimentos, afirma que “da mesma maneira que cedeu este documento, irá apreender de qualquer maneira, como também quer a prisão do cigano criminoso” (Jornal da Paraíba 26 de fevereiro de 1981, p. 7).

Mas a preocupação em fazer tal “blitz” não seria apenas em busca de retirar das mãos do cigano seu porte de armas. Notamos a preocupação da polícia em manter a ordem, pois, estando em período carnavalesco seriam necessários, maiores precauções para evitar problemas durante as comemorações protegendo assim à sociedade campinense.

Em fevereiro de 1981 “George se apresentou a polícia”. Ao se apresentar, conta que matou o irmão para não morrer, pois o mesmo tentou matá-lo. E ao apresentar-se, levou consigo três advogados, Roberto Pedro Medeiros, Otoni Lima de Oliveira e Cícero Ludgério, mostrando que também exercia poder, já que possuía recursos para atuar a seu favor no que se refere a justiça.

Com a chamada “Ciganos voltam a travar luta mais uma vez”, o jornal lembra aos seus leitores que as práticas sanguinárias dos ciganos não se restringem ao seu núcleo familiar. Nesse momento, o espaço onde escorreu mais uma vez sangue, não foi a cidade de Campina Grande, mas de Soledade. “Ezequiel de Tal pertencente a família dos ciganos, desferiu dois tiros de revólver calibre “38” no seu primo Nabor Dantas; de 58 anos de idade, casado residente na localidade de Lagoa de Dentro” (Jornal da Paraíba, 20 de maio de 1981, p. 7). Ezequiel tentou sequestrar uma filha de Nabor, e ao tentar impedir, recebeu os tiros.

Essas questões só aumentam a insegurança e o medo que os ciganos provocavam na população. Já que a todo tempo são lançados na mídia vários tipos de violência em que se envolviam.

E em junho deste mesmo ano, morre mais um integrante da família Targino. A vítima desta vez foi o cigano Bitó - Severino Cavalcante Targino. Era morador do

bairro Santo Antônio, tinha 48 anos, juntamente ao corpo dele, foi encontrado armas e munições. Interessante observar que geralmente andavam armados.

Bitó por sua vez era bastante conhecido em Campina Grande, tinha um grande laço de amizades. Ele negociava com veículos, fazendas e gado e atualmente estava vivendo junto com todos os seus familiares no bairro do Santo Antonio, uma vez que havia abandonado a sua granja denominada Joana D'arc localizada no sitio Lagoa de Dentro, no município de Campina Grande vizinho a Fazenda Alvorada. (...) O cigano Abílio irmão de Bitó juntamente com os filhos da vitima diziam que este crime não vai ficar desse jeito e prometeram vingança (Jornal da Paraíba, 03 de junho de 1981. p. 7).

O filho do cigano Bitó, Jozarba Cavalcanti Rodrigues – que era considerado o pacificador da família, diretor da Escola Estadual Polivalente - com medo de que algo acontecesse a sua família, resolveu sair do estado. Esse fato nos revela que estes ciganos se preocuparam com uma formação a nível superior. Comprovando ainda, que nem toda a familia estivesse envolvida nos crimes.

E não demora para acontecer mais um assassinato. Desta vez, com o cigano 'Miranda' que foi morto a facadas no mercado público de Patos. A vítima foi esfaqueada, segundo os jornais, pelos ciganos Manoel Alves da Silva e Sebastião Alves da Silva (que são integrantes de outro *bando*, de Alagoas).

Foi preciso estabelecer uma relação mais amistosa entre as famílias ciganas. "Família Targino foi a Patos assinar um acordo de Paz". Essa matéria diz respeito ao fato de que por estarem cansados das intrigas e desavenças entre os ciganos e, sobretudo por serem parte integrante da mesma familia e etnia, os ciganos tentam amenizar a situação de conflitos enfrentados durante estes anos, assinando um acordo de paz:

Na manhã de ontem uma caravana composta de vários ciganos campinenses, seguiram para a cidade de Patos, com a finalidade de fazer as pazes com o outro bando de ciganos, que na tarde de segunda feira ultima eliminaram "Miranda" com vários golpes de faca peixeira (Jornal da Paraíba, 16 de julho de 1981, p. 7).

Lembrando que as desavenças entre os ciganos não ocorreram apenas entre as famílias que moravam em Campina Grande, mas também com os demais grupos espalhados pela Paraíba, como já afirmamos. Observemos como o jornal aponta a vinda de ciganos para a cidade:

O bando de 60 ciganos que se encontra acampado a dois quilômetros da cidade de Patos poderá vir para Campina Grande, conforme pudemos apurar. O delegado Geraldo Pereira, da primeira Delegacia distrital de Patos, pediu a expulsão destes ciganos, o que ficou a cargo do superintendente José Salvador Pereira. Na manhã de ontem soubemos que os parentes da família “Cavalcante Targino” radicada em Campina Grande ha cerca de 10 anos, depois de acordo poderão voltar para Paulo Afonso, no estado da Bahia (...) ai houve o conflito entre ‘Miranda’ e Manoel Alves e o restante do bando desistiu de vir para esta cidade. (...) Na manhã de ontem a polícia foi informada da possibilidade da vinda do outro bando de ciganos para Campina Grande e teme mais violência. O cigano Gaudêncio Targino, tio dos ciganos que foram assassinados em Campina Grande, que chefia este bando, declarou a imprensa que viajava com destino a esta cidade com o único intuito de vingar estes crimes, mas depois do incidente envolvendo seus sobrinhos iria voltar, não se sabe agora sua intenção depois do acordo de paz haver sido assinado (Jornal da Paraíba, 17 de julho de 1981, p. 7).

O jornal atenta para o fato de que a assinatura desse acordo de paz poderá evitar mais mortes e vinganças. O tom da chamada “estará chegando a Campina Grande” indicando a chegada do bando de ciganos na cidade como quem anuncia um acontecimento marcante e que traria o fim da novela entre os ciganos. Alertando, sobretudo a população acerca do “perigo” que significa o “bando de ciganos” à caminho de Campina Grande, ao mesmo tempo que a reportagem revelava a possível conciliação entre os ciganos, também anunciava possíveis desavenças – o que também deixa explícito a intenção de provocar um certo temor aos campinenses.

Finalmente, o anunciado “acordo de paz” foi assinado mediante presença do poder local. Este ato teria ocorrido como comprovação de que realmente os ciganos não seriam mais ameaça para a sociedade paraibana. “O acordo de paz entre as famílias (ciganas) ‘Cavalcante Targino’ e ‘Alves Silva’ foi assinado (...). Disse ainda o superintendente que a “união dos 2 bandos foi feita no seu gabinete e na presença dos delegados Geraldo Pereira e Jose Galvão (...) (Jornal da Paraíba, 17 de julho de 1981, p. 7).

A polícia tenta se impor enquanto autoridade, isso porque enquanto órgão gerido pelo estado, cumpre a função de conduzir as questões relacionadas a violência e a coerção<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Segundo Silva (2010), a polícia em termos de origens, “se sustentou a partir da ideia de defesa da monarquia absolutista de Portugal no século XVI, que procurava lutar contra invasões externas. No entanto a experiência da colonização e a falta de recursos serão alguns diferenciais na constituição da policia à brasileira, mas esses diferenciais acabaram por justificar seu militarismo e forças repressivas (SILVA, 2010. p. 64).

Interessante é que com o início da abertura política no país, as perseguições não serão mais apenas aos chamados suspeitos, mas os olhares se voltam agora para “o combate a criminosos que praticavam roubos, homicídios, lesões corporais, etc. Contudo, o alvo dessas investidas policiais continua sendo a “escória social”, indivíduos de baixa renda, favelados, negros” (SILVA, 2010, p. 68).

Se tomarmos para análise as imagens que se seguem nas capas e páginas policiais onde com frequência os ciganos surgiam, percebemos que estes estariam dentro dessa “escoria” de que fala a autora. Já que estão a fazer badernas e provocando medo aos moradores desta cidade. Já em 1982, lá estão eles, os ciganos mais uma vez no jornal. Compondo mais um quadro de violência na cidade.

As imagens que surgem são de quatro homens, Carlos, Abílio e Francisco. Um deles - Cigano Abílio - está com a cabeça enfaixada, após a tentativa de homicídio contra a sua pessoa, o Cigano George - sobrinho de Abílio, é acusado do atentado. Com aparências físicas bem parecidas, usando bigodes e traços faciais semelhantes, estes homens são da mesma família.

Mas porque estariam brigando entre eles? Porque o jornal traria como manchete essa tentativa de assassinato, tendo em vista que muitos outros casos de violência chamavam atenção no período? Parte destes questionamentos, mesmo que não se encerrem as respostas, foram aos poucos, sendo divulgadas ao longo da chamada “Guerra dos Ciganos” na cidade.

Na página policial, vemos uma chamada interessante para o entendimento deste fato:

*Acabou-se a trégua dos Ciganos. George tenta matar Abílio a tiros de espingarda “12”:* Depois de mais de um ano de trégua entre os integrantes da família dos ciganos Cavalcante Targino, a violência recrudesciu na manhã de ontem, quando o cigano George Cavalcante tentou matar com uma espingarda calibre “12” o seu tio Abílio. Dois tiros foram disparados contra o carro de Abílio, mas o agropecuarista que não está mais residindo em Campina Grande conseguiu escapar com vida do atentado. Exatamente às nove horas da manhã, quando passava em frente a 1ª Ciretran, os ciganos Nilton Cavalcante Targino, o ‘Abílio’, 52 anos, Francisco Carlos Targino, 28 anos, cigano ‘Carlos’, e Francisco Manoel de Oliveira, 32 anos, casado, conhecido por cigano ‘Ambrósio’, tiveram a camioneta (...) interceptada por um Passat, de cor verde oliva, sem placa, do qual foram disparados dois tiros de espingarda de calibre “12” contra o veículo. A carga atingiu três ocupantes do carro sem maior gravidade para dois deles. Tão logo os dois cartuchos foram disparados, o condutor do Passat, um elemento alvo, meio calvo, esguio, deu arrancada no veículo (...) (Jornal Diário da Borborema, 18 de novembro de 1982, p. 7).

A notícia que foi transcrita parcialmente no texto, nos aponta para outra questão sobre os ciganos na Paraíba, quando comenta que “Acabou-se a trégua entre os Ciganos”, pois nesse sentido o jornal anuncia que havia(m) antecedente(s) ao episódio ocorrido com o cigano Abílio. E de fato na mesma página policial, outra matéria, é escrita, tentando explicar aos leitores o que estava acontecendo com esta família de ciganos, nos permitindo pensar que esta ‘guerra’ teria começado nos anos 1980, como já confirmamos no texto. A matéria intitulada “A briga dos Ciganos começou no ano de 80” traz um resumo dos episódios de sangue e de vingança em que se envolvem membros da família Targino Cavalcanti, é o jornal tentando dar explicações a sociedade.

Por outro lado mostra um contexto de violência na cidade, já que a possibilidade de portar armas era uma constante, sendo noticiado inúmeras vezes casos como estes, em que a entrada de pistoleiros na cidade era frequente. Sendo assim, percebemos a Paraíba sendo invadida por pistoleiros vindo de todos os cantos, se envolvendo em crimes no Estado.

Em outras matérias do Jornal da Paraíba chama atenção o fato destes sujeitos estarem envolvidos em vários episódios de violência na cidade. “Doméstica denuncia que sua vizinha contrata pistoleiro para lhe matar” (Jornal da Paraíba 10 de maio de 1980. p. 7). O fato é que a popular Maria das Neves denuncia sua vizinha Josefina de Tal, afirmando na delegacia que estava sendo ameaçada de morte, e que esta última havia contratado pistoleiro para matá-la. Sendo assim, sempre expondo os populares às paginas policiais, nos momentos de desespero, dor e raiva.

Mas não apenas os pistoleiros aterrorizavam as cidades paraibanas. Grupos de extermínio, crime organizado, violência policial, gangs, esquadrões da morte, desordeiros de toda ordem, e ‘pequenos’ delitos – arrombamentos, assaltos - que chamavam atenção da sociedade paraibana e contribuíam assim para que houvesse uma maior preocupação com relação a segurança. Como aponta Silva (2010):

Isso porque, temos em vista, verificar como os atos de violência do Grupo de Extermínio Mão Branca foram percebidos pelos campinenses da década de 1980, assim como esses grupos de indivíduos participaram direto ou indiretamente nesse processo. Verificando como se dava os rituais usados pelo grupo, ao consolidar os atos de crueldade, o simbolismo de se fazer justiça pelas próprias mãos - a tortura, a seleção de vítimas, a publicação dos Listões de Morte na imprensa através dos principais jornais escritos que

circulavam na cidade e região. E, por fim, como foram representados no imaginário individual e coletivo: justiceiros, mocinhos ou bandidos? (SILVA, 2001, p. 3).

Além do mais outros acontecimentos fizeram a população ficar apreensiva. A seca que assolava as regiões paraibanas fizeram inúmeras pessoas invadirem centros urbanos e saquearem mantimentos, como aconteceu em Souza e em outras regiões paraibanas, no ano de 1980, que fizeram os governos pensarem em políticas públicas que pudessem ajudar os flagelado da seca. Isso mostra o quanto existia um medo rondando o estado da Paraíba, e não era apenas os ciganos que faziam este medo existir.

A imprensa a todo custo trazia imagens da violência atrelados aos discursos sobre os desregramentos de pessoas ‘desordeiras’, a reportagem também fazia dessa situação um evento de “perigo” para os chamados “cidadãos de bem”. A polícia, enquanto órgão representativo desse Estado que abria-se a democracia, ainda estava vigilante em relação aos “desviantes’ e a todos que tentassem contra a ordem pública.

Só após todas estas questões nos anos 1980, é que pudemos perceber uma mudança em termos da recepção de ciganos em Campina Grande, uma vez que a partir de 1990 serão vistos e pensados de outras formas, implicando em outros problemas, já que seguiram para Campina Grande, outros grupos. Como foi o caso de um grupo de ciganos que acamparam próximo a Rodoviária Argemiro de Figueiredo - Rodoviária Nova – e a população pede ajuda dos órgãos competentes para que retirem o bando de lá.

É um retorno aos discursos sobre a identidade cigana, diferenciado dos anos 1980. Mas essa questão poderá ser melhor analisada em pesquisas posteriores. Tendo em vista que carece ainda de melhor atenção, além do mais o recorte que fazemos neste trabalho tornaria inviável maiores explicações acerca do tema.



### CAPITULO III

## PALAVRAS QUE ENVOLVEM E CIGANOS QUE SE MOVEM: ENTRE PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIABILIDADES

*Foi numa noite de luar que eu conheci  
Uma cigana de olhar encantador  
Foi a mais linda das mulheres que já vi  
Fitei seus olhos e fiquei doido de amor*

*Mas percebi que ela esperava angustiada  
Os companheiros que ali iam passar  
Uniu seu bando e sumiu lá na estrada  
Deixando assim meu coração a suspirar*

*Cigana  
Foi para ti que escrevi esta canção*

*Cigana  
És minha vida é toda minha inspiração  
Teus lindos olhos eu jamais hei de esquecer  
Somente a ti eu hei de amar até morrer*

*(Cigana. J.M.Alves e Arlindo Pinto) <sup>23</sup>.*

Antes de nos contar outra coisa sobre suas lembranças acerca dos ciganos em Campina Grande, o entrevistado *Cravo*<sup>24</sup> fez questão de cantar esta “moda”, como ele mesmo diz, relembando de que na época em que cantava serestas nas noites campinenses, conhecia muitas outras músicas que tematizavam os ciganos.

A canção *Cigana*, de Arlindo Pinto retrata a imagem de uma cigana que por sua beleza, mistério, coragem, encantava os não ciganos. Indicando ainda que os amores entre não cigano e cigano nômade nem sempre podia ser correspondido, sobretudo devido a essa característica deste grupo, como mostra a música ou mesmo por causa das próprias leis de cada clã, que dificultava o casamento<sup>25</sup> com

<sup>23</sup> A música é de autoria de J. M. Alves e Arlindo Pinto, porém só foi possível localizá-la a partir da regravação de Vadico e Vidoco, no disco: *Lá onde eu moro*, 1970. Esta música foi cantada por um de nossos entrevistados, o Sr. Cravo, em 05/10/2011, que ao ser perguntado sobre os Ciganos em Campina Grande, afirmou que o que lembrava era das ciganas bonitas e de uma canção, esta que foi citada.

<sup>24</sup> Utilizaremos nomes fictícios para cada entrevistado a fim de preservar a integridade dos entrevistados. Neste caso, Cravo, masculino, 69 anos de idade, morador de Campina Grande desde a década de 1950.

<sup>25</sup> Segundo Pereira (2009) afirma que o mundo dos ciganos é diferente do mundo dos não ciganos, por tanto tem mais chances desse tipo de casamento não dar certo. “Ao mesmo tempo, os ciganos

pessoas fora do grupo cigano. Da mesma forma, era visto com estranhamento por parte dos não ciganos esses tipos de relações, porém apesar das regras estabelecerem isso, não era incomum esses casamentos serem realizados, ao exemplo da própria família Targino em que a maioria dos casamentos fora realizada entre ciganos e não ciganos.

Desse modo, as relações de sociabilidades estabelecidas entre os campinenses e os ciganos eram norteadas pelo estranhamento: sentimentos de medos e de suspeita, mas também de atração. Para além das imagens dos ciganos como sendo “perigosos” - como visto no capítulo anterior -, outras imagens são desenhadas pela população campinense, como podemos observar na fala de alguns depoentes.

Alguns episódios marcaram a memória de comunidades paraibanas, como sinônimo da ousadia cigana e desse constante “perigo”, inclusive, contra a moral e costumes locais. Envolvendo-s em situações como estas se tornam figuras estranhas à sociedade. O entrevistado *Jacinto*<sup>26</sup> lembra do rapto de uma moça não cigana, na cidade de Queimadas, que deu-se por volta dos anos 1950, enfatizando em sua narrativa, a coragem dos ciganos em “roubá-la”:

(...) Eu sei que lá em Queimadas eu me lembro bem que tinha tipo uma lanchonetezinha né e uma moça se apaixonou por um deles agora não lembro não sei qual foi deles e os pais não queria nem ver aquilo né? Mas roubaram ela botaram no acampamento deles vestiram ela como as outra e ninguém conhecia não e montou no meio das cangaia era uns caixotão uns negociação e elas bem vestida ali sentada nos cavalo e foram se embora passaram lá em casa com esse povo e passou no Ligeiro todo mundo viu fulaninha, fulaninha servia cafezinho lá em Queimadas né eu já tinha ido em Queimadas (...) sei que eles levaram e foram pra o Riachão num sei se (...) o cigano Neco né? vieram de Queimadas acamparam lá eles faziam convenio com os sítios que tinha lá ia lá e voltava pra cá e quando roubaram a moça (...) agora não sei qual foi o cigano que roubou ela eu era rapazotezinho e levaram pra lá então lá eu não sei mais da história deles (Jacinto, 15 de agosto de 2011).

Segundo o entrevistado, este cigano Neco era o chefe do clã que havia se instalado próximo à sua residência, no Ligeiro. Sendo, portanto, seus primeiros

---

casando entre si, facilitam a preservação de seus traços culturais na nova família [...] por questões praticas, eles procuram se casar com pessoas do mesmo grupo e até do mesmo subgrupo cigano” (PEREIRA, 2009, p. 71).

<sup>26</sup> Masculino, 82 anos, aposentado e morador da cidade de Campina Grande desde seu nascimento.

contatos com ciganos. Num outro período, este entrevistado terá contato com os ciganos da família Targino Cavalcanti. No que se refere às questões do rapto, Pereira (2009) investigando características sobre as famílias ciganas, assinala que essa questão está incorporada à cultura cigana<sup>27</sup>.

Embora os raptos também tenham sido uma prática comum no Brasil e também da Paraíba<sup>28</sup> o rapto de moças ciganas por não ciganos não é conhecido. No caso que foi narrado, o rapto tornou-se uma alternativa para que o amor entre o cigano e a *gadji* pudesse acontecer, já que ao que parece, esta relação não era aceita.

Em outro caso de rapto, ou melhor, tentativa de rapto, que foi noticiado no Jornal da Paraíba no ano de 1981, notamos que parecia haver desavenças entre as famílias ciganas e por isso, neste caso, aconteceu. Porém o cigano Ezequiel não foi bem sucedido no projeto, ainda deixando ferido o pai da jovem cigana que tentou impedir o sequestro:

Na vizinha cidade de Soledade quando Ezequiel de Tal pertencente a família dos ciganos desferiu dois tiros de revólver calibre 38 no seu primo Nabor Dantas; 58 anos de idade casado residente na localidade de Lagoa de Dentro. (...) o autor dos disparos tentou sequestrar uma filha da vítima e este ao tentar intervir sofreu o atentado a bala. O cigano criminoso procurou fugir enquanto Nabor Dantas foi socorrido para Campina Grande tendo sido levado para o Hospital Pedro I (Jornal da Paraíba, 20 de maio de 1981).

Entendemos que a imprensa construiu e reproduziu discursos implicando na formação de estereótipos associando a prática de crimes a determinados grupos sociais, e a chamada “Ciganos voltam a travar luta mais uma vez” na página policial

---

<sup>27</sup> Essa cultura do rapto é importante para os ciganos, que chega até a fazer parte dos rituais de casamentos entre eles, “De uma maneira geral, o rapto é consentido dentro da cultura cigana. Em alguns casamentos ciganos, simula-se, à semelhança de uma pantomima, o “rapto” da noiva pelo noivo, e a tentativa de evitar o “rapto” por parte dos amigos dos noivos” (PEREIRA, 2009, 70).

<sup>28</sup> O rapto também era uma prática comum entre os não ciganos, Rosemere Olimpio de Santana em sua Dissertação intitulada *Raptos consentidos: Afetos proibidos e relações de poder na Paraíba* (1880 – 1910), 2008, abordando o que ela chamou de “raptos consentidos” na Paraíba, entre as décadas de 80 e 90 do Séc. XIX e os anos de 1910 faz uma análise do rapto e as tensões existentes que não apenas foram entendidas como “resistência à ordem patriarcal, mas que também institui uma alternativa para as práticas amorosas”. O importante nesse sentido é pensarmos que os raptos não deixaram de ser alternativas mesmo em meados século XX, como aponta a própria autora: “Cavalcanti (2000), em sua dissertação intitulada “Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes em Campina Grande (1930 – 1950)”, já analisava casos envolvendo raptos consentidos (...) (SANTANA, 2008. p. 138). Aqui ela se refere a um caso de rapto acontecido por volta dos anos 1940, momento em que opções de mais liberdade para as mulheres já era mais vivenciada.

do jornal, aponta para um discurso que não queria atentar para o fato de que, existe uma cultura cigana, em que os raptos acontecem geralmente como uma opção, para concretização de um amor. Enfatizando ainda que o cigano que cometeu a tentativa de furto da jovem, fazia parte da mesma família de ciganos já conhecida na cidade por outras práticas violentas. Mas ainda há a possibilidade de refletir sobre esta questão, em que a tentativa de roubo da jovem cigana, pode ter sido influenciada não apenas por amor, mas por desavenças entre estas famílias ciganas.

Os entrevistados, ao narrarem as histórias sobre ciganos, mostram a tamanha sedução pelo “outro”, pelo “diferente”. Nesse sentido, os ciganos não apenas provocaram medo, mas também atração, sedução, sonhos, desejos de ser um deles e sair pelo mundo em liberdade. As mulheres ciganas caminharam e atraíram atenção por onde passaram com suas saias rodadas, coloridas de vermelho, amarelo, azul. Pulseiras e brincos de ouro, correntes de moedas douradas no pescoço e lenços à cabeça. Os homens também eram referidos como belos, “Era uns ciganão alto, moreno... tipão”. Praticamente todos os depoentes ressaltam a beleza das mulheres e dos homens ciganos.

Parecem mesmo apreciar cores vivas. As mulheres usam os cabelos soltos ou em tranças, enfeitados de fitas, moedinhas exibindo uma variedade de jóias e adereços. Não há uma vestimenta que se diga cigana, mas há um costume cigano em se vestir. Olhar profundo, como sonhos de fortuna, riso que mostra a mistura de várias tribos e povos. Parecem ser irmãos do vento, que passam a todo tempo, passam rápido ou até mesmo como as ondas, que se renovam a cada maré.

Sua vida cheia de liberdade, seus mistérios e seu encanto fascinaram as pessoas por todo o mundo, tornando-os personagens de lendas e aventuras cheias de fantasias, músicas, rituais, amores. Esse modo de vida, quase sempre isolado com relação aos demais povos não ciganos, acabou contribuindo para que muito pouco se soubesse sobre eles, as lendas que cercam sua existência e mistérios, têm sido degustados com interesse pelas pessoas e por pesquisadores.

As famosas festas ciganas são geralmente rituais, realizados com determinados objetivos, constituindo-se num verdadeiro acontecimento social,

unindo grupos próximos e mesmo outros, de locais mais distantes. Como vemos na descrição de *Margarida*<sup>29</sup>:

Ahhh as festas que eu ia com eles era... por exemplo vinha cigano e acampavam de outras famílias mas quando eles chegavam lá que eles falavam a mesma língua com eles... eles faziam amizade era Calon (...) Eles faziam aquelas fogueiras aquelas comida que eles gostavam... aqui em Campina Grande de vez em quando não tinha ciganos? principalmente quando eles ficavam lá como quem ia para o Marinho naquelas fazendas eles pediam aos fazendeiros para acampar e eles prometiam por que existiam ciganos que roubavam dos vizinhos mas eles não a família deles era assim.... eles ficavam mas ficavam pra que? pra comprar pra vender e negociar mas eles não admitiam (...) eles faziam festas a noite era com fogueira eles cantavam que eles eram bonitos se vestiam bonitos e depois (...) era uma festa cigana a gente se vestia com aquela roupa bonita dançava naqueles palcos que eles botavam de madeira com aquelas roupa aquelas mulheres bonitas e... era saia era aquelas blusa fina muito bonitas muita bijuterias que elas usavam aquelas coisas na cabeça muito enfeitada brinco colar que elas se vestem muito bem se maquiavam muito bem e são muito bonita (...) todas as noites que eles faziam onde eles se acampavam eles faziam festa (Margarida, 11 de outubro de 2011).

Sua narrativa é tomada de encantamentos pelos ciganos, por suas festas, pelos cheiros, pela forma como se vestiam. Esses momentos de festividade com os ciganos marcaram sua juventude, logo moravam na mesma casa. O contato com outros ciganos a deixava satisfeita, pois a cada novo contato novas festas aconteciam, significando mais alegria.

Segundo Pereira (2009) para os ciganos, três momentos são marcadores importantes: o nascimento, o casamento e a morte. Todos têm seus rituais diferenciados e que merecem comemoração. No caso da morte, isso ocorrerá de acordo com o que o cigano deixou em vida, se foi bom será merecedor de honras<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> Feminino, 50 anos de idade. Conviveu durante anos, sob o mesmo teto, com os ciganos da Família Borba Pacífico, especificamente com os sobrinhos do cigano Clóvis Targino Cavalcanti. mesmo não sendo cigana, reconhece-os como irmãos e assim os trata tendo em vista que foram criados juntos.

<sup>30</sup> Quanto aos rituais percebe-se a partir das leituras feitas por Pereira (2009) que não são iguais para todos os grupos de ciganos. Mas por questões didáticas preferimos citar apenas quando a autora ressalta aspectos dos rituais referentes aos grupos calons, tendo em vista que segundo as entrevistas, os grupos que estudamos eram calons. Afirma que entre outros procedimentos quanto a esses rituais "O primeiro banho é com água, vinho, moedas de ouro e jóias, num abacia de cobre ou prata, para a criança ser rica e ter sorte. (...) entre os calons nômades, as comemorações do casamento se assemelham a festas populares no interior do Brasil (...). Vinte dias antes, realizam-se bailes (...). A virgindade da moça é condição básica para que a aliança feita entre as duas famílias seja bem-sucedida. Ouve-se muita musica sertaneja durante a festa e há fartura de comida e de bebida (...). Para os ciganos, depois da morte se pode ir ao *raio* (céu) ou ao *catrano* (local embaixo da terra). Sendo assim, é preciso ter nas mãos, na hora do falecimento, um avelã, para que o morto tenha luz suficiente, a fim de enxergar por onde esta passando e os rostos que o estão olhando (PEREIRA, 2009. p. 77).

Mas outras passagens chamam atenção na narrativa da entrevistada, como o fato de que para os ciganos o encontro com familiares ou amigos era motivo de festa. E como já aponta Pereira (2009) com relação à música na vida cigana, alguns ciganos chegam a tocar instrumentos com tamanha facilidade que não são levados a fazerem escolas de música. *Margarida* conta que um de seus irmãos ciganos, sabia tocar muito bem assim como tinha em sua família uma cigana cantora e um cigano compositor<sup>31</sup>:

(...) e lá em casa eles faziam eles tocavam muito cantavam muito por que nos morávamos num local que de lado era um curral quando nos morávamos lá no Santo Antônio então sempre nos finais de semana nós se reuníamos por que nós gostávamos de ver Madalena cantar ela cantava muito bem Madalena é Maria José a cigana a que morreu... era Maria José mas o apelido dela era Madalena e acontece o que? que ela cantava muito e no final de semana o que é que nos fazíamos? nós íamos para o curral (...) o curral era todo de pedra e nós ficávamos com eles cantando e tocando que eles cantam e tocam... é um dom que eles tem num é assim que ninguém ensinou que eles aprenderam não eles aprenderam por eles mesmos só (Margarida, 11 de outubro de 2011).

Um destes rituais, o do casamento, foi celebrado pela família de ciganos dos Targino Cavalcanti durante os anos 80. Entre os demais que se casaram, este foi uma exceção, pois o cigano Germano, parece ter sido o único que casou com alguém da mesma família, com sua prima, como acontece em muitos clãs de famílias ciganas. Os demais se casaram com não ciganas, inclusive o próprio pai do Germano, o cigano Clóvis que se casou com Antonieta Alves, que não era cigana.

Segundo afirma Cristina da Costa Pereira (2004), em seu artigo sobre a família cigana, nota-se que esta é para o povo cigano o fator mais importante de sua cultura. As festas ciganas refletem isso, é um momento de confraternização. Aquela conhecida grande família cigana é formada a partir de porções menores de outras famílias, que reunidos passam a pertencer à *Kumpania*:

A *Kumpania* terá uma chefia comum, uma cooperação econômica entre seus membros, seus mais diversos problemas serão discutidos comunitariamente, e as residências das famílias que a compõem serão próximas umas das outras, não perdendo a tradicional ideia cigana de tribo, mesmo que muitos ciganos não sejam mais nômades (...). Há séculos a família cigana tem sido vista pelos *gadjé* como sinônimo de promiscuidade,

---

<sup>31</sup> Com relação a isto, *Margarida* ainda afirma que muitas músicas de cantores conhecidos na região, como Tom Oliveira e Genival Lacerda, gravaram músicas produzidas pelo cigano. E que este cigano tinha até mesmo empresário administrando suas produções, tendo em vista que eram frequentemente vendidas para outros cantores e compositores.

em princípio, pelo fato de os ciganos dormirem todos juntos em tendas – um espaço pequeno e único para homens, mulheres, jovens e crianças (PEREIRA, 2004. p. 110).

A autora ainda afirma que os ciganos têm leis próprias de convivência dentro do próprio grupo, como uma maneira de facilitar a vivência diária, mas afirma isso a partir de pesquisas realizadas em acampamentos ciganos, entre famílias nômades no sul do Brasil. Ressaltamos a ideia de que os ciganos tem códigos de ética próprias, ou seja, diferentemente das normas jurídicas que regem a nossa sociedade, os ciganos se organizam de maneira diferente, criam suas próprias regras e funcionam a partir destas.

Os ciganos por terem leis próprias, não estariam infringindo as leis da sociedade, as leis institucionais, porém o fato de não seguirem essas leis impostas pela sociedade acabam sendo recriminados em suas atitudes, entendidas como crimes. É como o trabalho, para os ciganos o trabalho parece ser meramente utilitário, diferente do não cigano, para quem o trabalho faz parte de uma questão moral. Foucault (2002) aponta que:

Uma lei penal deve simplesmente representar o que é útil para a sociedade. A lei define como repreensível o que é nocivo à sociedade, definindo assim negativamente o que é útil. (...) O crime não é algo aparentado com o pecado e com a falta; é algo que danifica a sociedade; é um dano social, uma perturbação, um incômodo para toda sociedade (FOUCAULT, 2002, p. 81).

No caso da família Targino Cavalcante que há mais de 10 anos já moravam em Campina Grande e tinham parte de familiares espalhados pela Paraíba, percebe-se que o cigano Germano ao casar-se com uma prima e indo morar na casa grande do seu tio, parecia estar seguindo os costumes ciganos.

### 3.1. Os ciganos e as relações de vizinhança: conflitos, negociações e amizade

No que se refere às relações de sociabilidade, aqui entendida como uma forma de estar com e para os outros, construídas sob formas de interação, tentaremos explorar como os ciganos traçavam essa sociabilidade, com a vizinhança, com amigos, com familiares. Notamos que nem sempre foram relações amistosas, especialmente quando o que estava em jogo era a propriedade ou a família. Como nos informa em entrevista, *Cravo* demonstrou bastante antipatia ao recordar-se das imagens que ele tem pra si dos ciganos:

Mas é uma raça ruim cigano é raça ruim a maioria desse pessoal do bem tem medo de cigano que é um pessoal muito perigoso pessoal que por pouca coisa ataca o cabra... eles defendiam uns aos outros eles tinham aquela união mas também se destruía também é um pessoal muito ruim sempre foi uma raça muito ruim (...) na terra do meu avô onde eu nasci daqui há mais de cem léguas (...) eu convivi em Sousa a minha infância quase toda nasci num sítio chamado Quixaba meus avós tinham muito medo quando eles apareciam eles apareciam acampavam lá não pedia nem licença se o cabra fosse falar levava tiro eles eram assim como o bando de lampião não respeitava ninguém não às vezes tinha deles que chegava lá e dizia “Oh ganjão me dê ai um copo d’água, deixa a gente dar banho no cavalo no seu açude?” meu avô sempre permitia dava milho arroz pra eles cozinhar “Ah a gente tá sem comer ganjão arruma uma comidazinha?” meu avô arranjava feijão arroz batata macaxeira que tinha de fartura e dava pra eles (Cravo, 05 de outubro de 2011).

Essas terras do avô de *Cravo*, hoje o município de Quixabá - na época era chamado apenas de Sítio - estavam situadas a 250 km da capital, no sertão paraibano, próximo a Patos - região em que existem comunidades ciganas. A imagem refletida na fala do depoente mostra o medo e receios que ele tinha quando criança, de aproximar-se dos ciganos. Pois segundo conta-nos, eles não tinham respeito pelas terras do avô e essa questão o irritava, isso por volta dos anos 1940. Logo, seu avô ajudava-os e ainda deixava-os acampar na fazenda, que segundo narra era bastante farta. Ele resgata uma lembrança muito própria, como aponta Ecléa Bosi (1994):

Por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum (BOSI, 1994. p. 411).



Ele se lembra do medo e da raiva que tinha por aqueles “estrangeiros” que aparecerem como posseiros; que invadiam as terras alheias sem pedir licença. Ao lembrar-se de fatos mais recentes, já nos anos 80, *Cravo* conta um episódio em que se envolveu um de nossos personagens já citados no capítulo anterior, o cigano Bitó:

Já faz tempo que não vejo cigano outra... é um povo muito violento povo falador que vive atrás de saber da vida dos outros e um povo muito violento quando o cigano é brabo mesmo é como índio não abre pra ninguém lá.... lá em cima da minha casa (...) era uma sete horas quando me acordei e disseram “mataram um ali na esquina” fui olhar era o cigano que tinha matado outro cara (...) ele chamava Bitó matou ele de peixeirada aliás ele veio matar o cabra de peixeira e o cigano o matou com dois ou três tiros (...) ai chegou o irmão dele e pegou o carro dele o cigano correu não deu tempo nem de entrar no carro ai chegou os irmão do cabra e amassou o carro do cigano todinho e ele desapareceu (*Cravo*, 05 de outubro de 2011).

Mas observa-se que o que movimenta suas lembranças são as imagens ruins que guarda dos ciganos. O fato dos ciganos invadirem as terras de seus avós o deixou enraivecido, a ponto de considerar os ciganos como “ladrões”, “bravos” – como sinônimo aqui de selvagem, numa comparação com os índios -, e afirmando ainda que “tudo que tem é roubado sabe cigano é como posseiro, se aproxima de uma fazenda ai cada qual toma seu pedaço de terra” (*Cravo*, 05 de outubro de 2011).

Teriam essas imagens sido criadas a partir do que lhe foi dito sobre ciganos, esse ressentimento teria sido criado a partir das invasões dos ciganos às terras do avô – que lhe provocava ira - ou ainda teria criado essa concepção tão negativa, ressignificando a imagem sobre os ciganos já na vida adulta? E Através da imprensa e de outras instituições de poder, que ajudaram a construir uma identidade violenta e sanguinária para os ciganos?

Segundo Ansart (2004) a experiência de algumas situações nos coloca em diferentes níveis de sentimentos que são “criadores do ressentimento” tais como: inveja, rancor, maldade. O indivíduo não esquece fatos em que esteve presente ou vitimizado. O passado, portanto sendo ativado pela memória, faz com que esses sentimentos se estendam durante sua experiência de vida.

Nessa perspectiva, nas memórias de *Cravo*, os ciganos são descritos por sua violência, ao invadirem as terras de outrem ou, ainda, por violências mais sutís

quando invadem suas intimidades, quando expressa: “povo falador que vive atrás de saber da vida dos outros”.

Com relação aos conflitos por terra, vemos que as lembranças que narram violência também eram enfatizadas nas entrevistas. Como apontou *Lírio*<sup>32</sup> quando indagado sobre os episódios de morte em que se envolveram os ciganos, na década de 1980, ele afirmou que:

Teve uma história de uns ciganos eles chegaram aqui em Campina Grande não sei mais ou menos 75 pra 80 compraram umas terras ali... aquele -- cigano é um bicho perigoso -- compraram umas terras ali pra banda de Serrotão sabe onde é o Serrotão Bodocongó pra lá e eles começaram a melhorar de vida tinha bem uns cinco eu conheci todos cinco era uns ciganão alto moreno... tipão tinha uns mais baixinho magrinho e eles por causa de negócio de terra de arenga mataram uns aos outros (...) (Lírio, 05 de outubro de 2011).

Os ciganos que se instalaram nas imediações do Serrotão, eram da família Targino Cavalcanti que chegaram à cidade, por volta dos anos 1970 e desenvolveram atividades voltadas para agricultura, comércio de carros na rua João Suassuna, centro de Campina Grande, venda e troca de animais, de gado e cavalos entre outras.

Mas observamos que a terra mesmo não sendo a única forma de sobrevivência dos ciganos, esta questão acabou se tornando segundo jornais e entrevistas, sinônimo de intrigas e de importância para estes ciganos. Deleuze; Guatarri (1997) apontam que o território é sinônimo de apropriação, de subjetivação. Podendo ser o provocador de comportamentos e de sentimentos, que são investidos de valor simbólico.

Mas quando falamos de terras invadidas pensamos aqui na ideia de território enquanto um lugar usado. Ao capturar para si o *lugar* do outro, os ciganos que invadiam as fazendas, construía ali um *espaço* para ser praticado<sup>33</sup>. Certeau (2007) mostra que o lugar corresponde ao uso normatizado, enquanto que o espaço é o lugar subvertido pelo sujeito. Os ciganos acampavam em terras alheias e em

---

<sup>32</sup> Masculino, 70 anos de idade, morador da cidade de Campina Grande desde seu nascimento.

<sup>33</sup> “O espaço é um lugar praticado” (Certeau, 2007, p. 202). A partir das ideias de entendemos como *lugar* como o conjunto de coordenadas onde estão dispostos os elementos, é o que está disperso. O *espaço* é a significação desta dispersão a partir da prática, sendo então um *lugar* significado pela vivência humana. Não é dado é, portanto produto de ações humanas, que recria um *lugar*.

alguns casos chegavam a vender ou até mesmo trocar uma terra que não lhes pertencia. Ou ainda, vemos essas práticas quando os ciganos pediam para utilizar a água do açude dizendo ser para lavar os cavalos, quando eles astuciosamente, podiam lavar roupas, banhar as crianças.

Podemos perceber como os ciganos defendiam seus espaços territoriais, mesmo que constituídos, construídos no lugar do “outro”. Estas capturas no lugar podem se prolongar por anos, mas como já foi referido anteriormente, não se trata de uma migração, mas paragens no território do outro para ganho de força. E nessa vida itinerante, nômade Deleuze; Guatarri (1997) apontam que: “a determinação primária do nômade, com efeito, é que ele ocupa e mantém um espaço liso: é sob este aspecto que é determinado como nômade (essência)” (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p. 92)<sup>34</sup>.

Exemplo disto é quando desponta a notícia no Jornal da Paraíba, em dezembro de 1980, anunciando o envolvimento de ciganos com a polícia campinense, sendo justificada por desavenças por questões de terras.

O cigano Germano (filho do cigano Clóvis) tenta contra a vida do popular Iremar Lima Silva, nas imediações da chamada “Praça do Amor”<sup>35</sup>, ferindo-o com um tiro e logo depois fugiu da localidade. O popular que foi atingido pelo cigano, afirmou no jornal que na verdade não havia desentendimentos entre eles, há muito tempo negociavam a extração de pedras na divisa de uma fazenda, com a Fazenda Alvorada, pertencente aos ciganos. Porém o cigano não queria mais o trabalho de Iremar, segundo relata o jornal:

Depois de ter ouvido Germano afirmar que ele não mais tirasse pedras e também que não fosse lá na propriedade, Iremar disse que lhe respondeu que ainda voltaria aquele local para retirar o seu material de trabalho. Sem qualquer outra discussão disse o Sr, Iremar ao DB que Germano afastou-se para traz e foi logo disparando o seu revolver contra a sua frente que por

---

<sup>34</sup> Sobre o espaço liso e estriado ver Deleuze; Guatarri (1997) que apontam que o espaço liso “é justamente o do menor desvio: por isso, só possui homogeneidade entre pontos infinitamente próximos, e a conexão das vizinhanças se faz independentemente de qualquer via determinada” (p. 38) e com relação ao espaço estriado, vemos que “é definido pelas exigências de uma visão distanciada: Constancia da orientação, invariância da distancia por troca de referencias de inércia, junção por imersão num meio ambiente, constituição de uma perspectiva central” (p. 205). Essa questão fica ainda mais clara quando pensamos que o espaço estriado é o espaço do sedentário cheios de caminhos cercados, já o espaço do nômade é o liso, que são como trajetos, que se apagam e se deslocam com facilidade.

<sup>35</sup> Esta é uma praça que fica situada em frente à Manzuá, já na entrada para o Distrito de de São José da Mata.

um verdadeiro milagre não foi transpassada com um balaço. Mesmo assim ainda terminou baleado. (...). O sargento Jurandy, delegado de São José da Mata, que está a frente das diligências para prender Germano e apurar este incidente, disse que Germano foi agredido por Iremar a faca-peixeira e que já que estava armado, teve que se defender da agressão (...) (Jornal Diário da Borborema, 02 de dezembro de 1980. p. 7).

Esse evento denuncia os conflitos no convívio social dos ciganos na cidade, uma vez que a sociabilidade do grupo não se dava apenas entre eles, mas estavam em jogo as relações de trabalho, que também aí se estabelecem com os não ciganos, apontando para outras questões como a identidade cigana e suas relações com a violência. Em entrevista para o jornal DB, o cigano Germano contou o seu lado da história afirmando que agiu para defender-se, pois ao contrário, o popular Iremar o teria matado:

Neste momento o homem levantou-se de faca em punho e tentou agredi-lo pelas costas tendo este afirmado que sacou do seu revólver e deu dois tiros para o chão. Mesmo assim Iremar não se intimidou e investiu contra Germano (...). Germano foi mais além ao afirmar que Iremar é um desordeiro em potencial e que há alguns dias ele agrediu dois soldados no bairro de Bodocongó, sendo considerado um elemento altamente perigoso na região e é apontado como autor de várias agressões contra pessoas em lagoa de Dentro (...). Afirmou Germano que não teve a intenção de matar seu desafeto, pois antes atirou para o chão e se quisesse mata-lo teria atirado em seu rosto ou no tórax, para eliminá-lo (*sic.*) imediatamente (Jornal Diário da Borborema, 3 de dezembro de 1980. p. 7).

Para entender um pouco mais sobre os conflitos que envolviam a questão da terra que norteavam as múltiplas relações estabelecidas entre os ciganos e os não ciganos, vemos que no estudo feito por Pereira (2009) os *Calons* se denominam nações e entre eles as divisões territoriais são geralmente respeitadas, desta maneira um grupo de cigano não pode invadir a área do outro e o desrespeito deste trato pode levar a inúmeros conflitos:

Estes grupos compõem o povo cigano que se afirma como unidade na relação interétnica com os *gadjé*. Os ciganos, em relação a sociedade majoritária, possuem um forte caráter etnocêntrico. Principalmente por não terem um território delimitado como pátria é a consciência de comunidade que lhes confere unidade. Vale ressaltar que a questão do etnocentrismo é tão importante para os ciganos que se manifesta não apenas em suas relações com os não-ciganos, mas dentro da própria etnia. Assim, ela pode ser observada de grupo para grupo, de subgrupo para subgrupo, de família para família, e até mesmo entre um cigano e outro (PEREIRA, 2009. p. 46-47).

Esse apontamento nos possibilita enumerar hipóteses acerca das disputas por heranças, já que as fontes apontam nesse sentido e terras entre as famílias de *Calons* em Campina Grande, que chegaram a gerar mortes entre membros do grupo. Em três momentos diferentes, que foram recortadas da narração da entrevistada *Margarida* observamos a descrição sobre a língua deles, o que os colocaria como parte do grupo dos *Calons*:

(...) Ahhh as festas que eu ia com ele era por exemplo vinha ciganos e acampavam de outras famílias, mas quando eles chegavam lá que eles falavam a mesma língua com eles... eles faziam amizade falava calon (...). Essa minha irmã mesmo de Recife é por que ela faleceu mas ela era linda alta dos olhos azuis falava cigano fluentemente era a boa pátria era um presente de Deus (...). Mas nós íamos pra lá e sempre que a gente ia a gente ficava até tarde eles passavam a noite e entendia a mesma língua eles falavam ai eu dizia “o que é que vocês tão tramando ai?” mas ainda hoje eles têm esse costume (...) (Margarida, 11 de outubro de 2011).

Além de percebermos que o grupo vindo para Campina Grande, eram *Calons*, devido ao fato de que falavam esta língua – segundo a entrevistada – ainda podemos pensar outra questão. Mesmo sentindo-se parte desta família cigana e não trazendo magoas sobre os ciganos, ela apresenta nesta fala o receio de não entender o que dizem. Em outras ocasiões, os ciganos por apresentarem outra língua, se tornava para a população um risco, já que não seria possível entender tudo que era dito.

Ou ainda em outro momento em que o entrevistado *Jacinto* ainda indica como em outras localidades os ciganos não eram bem vistos, o que dificultava a realização das referidas negociações. Narrando um episódio do dia em que ficou sabendo que os ciganos da família Targino Cavalcanti, estavam tentando comprar terras pelas fazendas na Paraíba. Conta que estava em um posto de gasolina, com clientes fazendeiros quando viu os ciganos Bitó e outro irmão que ele não recorda e seu amigo começou a lhe contar:

Ai o Orlando era muito curioso e muito falador muito danado brabo (...) disse “tais conhecendo aquele dali?” eu disse “não” “ai num é Bitó e fulano o irmão dele” por que deles eu só conhecia dois Bitó e Abílio... Abílio foi o que sobrou na conversa (...) “olhe esse povo fizeram uma presepada lá pro lado de Riachão do Bacamarte esse povo inquietou o povo de lá todinho” eu disse “foi mesmo?” e ele “foi” ai oi posto abriu eles foi na frente da gente e nos fomos atrás na mesma direção ai Orlando contando eu falo com aquele povo todo ali do Riachão (...) mas sabe o que eles fizeram? Faziam assim o

véi comprava um pedaço de terra ali (...) a propriedade pequena né? e ele queria aplicar o dinheiro que era muito dinheiro ai ele via com o vizinho que tinha dez quinze quadro de terra pra familia né (...) “Me vende essa terra” “não vendo não por que isso aqui é pra minha familia e tudo mais” ai quando era de noite ele vinha e cortava os arame da terra dos roçado tudin e botava o gado dele e os animais tudo dentro quando o dia amanhecia o bicho oi.... tava aquele Deus me acuda ai o povo com desgosto vai andando vai andando pra comprar aquelas terras ai dizia “vendo não pra cigano eu não vendo” ai mandava outro por trás e dizia que o que pedisse pode botar ai dizia “vende essa terras por quanto?” ai dizia “vendo por tanto” tá lá o dinheiro ai já passava pro cigano Neco e a propriedade dele cresceu e (...) desinquietou todo mundo lá eles era perverso mas com que pagaram não é?(Jacinto, 15 de agosto de 2011).

Nota-se nesta passagem que os ciganos não tinham mesmo credibilidade diante dos negócios com os não ciganos. E notamos a astúcia dos ciganos para conseguir comprar a terra. O *gadjé* não vendia a terra para ciganos, mas ele em consórcio com outro *gadjé* amigo, ia à fazenda ou outro terreno e comprava a terra para o cigano, como aconteceu no exemplo dado pelo entrevistado. Percebemos que essas práticas comuns aos ciganos quando se tratava de negócios, eram astuciosas. Os ciganos são os sujeitos que por excelência fazem as suas relações serem astuciosas, vivem de “dar golpes” (CERTEAU, 2007, p. 52).

### 3. 2. Negociando, trapaças e pequenos furtos

Atração. Esta palavra indica um sentimento que se apresenta quando se fala sobre ciganos. Estes ciganos seduziam os não ciganos, a partir da prática de um conhecimento que estes não a possuem, como a quiromancia<sup>36</sup>. Além de ser uma forma de ganhar o sustento diário e manterem-se, as ciganas tentavam fazer as aproximações possíveis, pois poderiam precisar de ajuda durante o acampamento. Para além da simples prática, esta pode ser entendida também como uma forma dos ciganos se infiltrarem no cotidiano dos habitantes da cidade.

Um grupo de ciganos acampara ao redor do Parque da Criança, por volta dos anos 1960, já que havia uma extensão de terra naquela localidade, o que seria ótimo para a montagem de um acampamento. E por lá as mulheres ciganas tentavam praticar a quiromancia, como já aponta *Lírio* em entrevista:

Eu me lembro até de um que eu vou lhe contar uma história aqui e você não vai acreditar eu ia passando eu tinha assim assim 17 para 18 anos... 19 anos eu ia passando aí uma cigana “venha para eu ler sua mão” minha filha eu não acredito em negócio de cigano ela disse “eu quero dizer umas coisas ao senhor” o senhor não a você que eu era menino né? 18 anos... “Venha venha” insistiu “Eu não quero dinheiro não venha que eu quero ler” aí olhou assim estirou minha mão assim ficou olhando assim... e disse “olhe você vai casar com 29 anos sua mulher vai ser Maria José e vai ter cinco filhos” e num é que aconteceu? Será que é verdade que cigano adivinha? (...) eu digo até o ano em que eles passavam ali 1958 eu tinha 18 anos tinha 18 anos era um rapaz (...) (*Lírio*, 05 de outubro de 2011).

O depoente lembra-se dos ciganos também com desconfiança, mas afirma ter tido contato com ciganos desde jovem, como vimos. Percebemos como ele faz questão de explicitar que o seu lugar social de um sujeito cristão não o permite acreditar em superstições. Por isso sua descrença nas supostas adivinhações das ciganas que com frequência lhe chamava para ler a mão. Ao mesmo tempo em que foi atraído em cogitar a possibilidade de ser verdade, já que uma das “profecias” da cigana foi concretizada, como quando falou em relação ao casamento. Mas enfatiza todo tempo que não acredita “nisso”:

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são

<sup>36</sup> Prática da leitura das mãos, que é desenvolvida na maioria das vezes pelas ciganas.

evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (POLLAK, 1989. p. 6).

Entendendo como o autor afirma, o trabalho de ajuste da memória se alimenta do que é fornecido pela história. Sendo assim, quem rememora vai reinterpretar o passado com frequência, para realçá-lo, senti-lo ou mesmo esquecê-lo. Nosso entrevistado, até pode ter acreditado no que a cigana lhe contou, porém não é interessante para ele enquanto cristão, contar aos outros essa sua falta com a fé que ele professa.

Das cinco entrevistas realizadas, três delas apontam os ciganos como pessoas de má índole, não confiáveis, mentirosas, ladras e violentas. Neste depoimento relatado por *Jacinto*<sup>37</sup> nota-se a incredibilidade que tinham na cidade ou pelo menos segundo as entrevistas:

Eles faziam a feira na feira central traziam pra cá e saiam comprando galinha e roubando galinha e “Oh ganjona me deixa ver tua mão tu vai por ali tu vai ter isso aquilo” tudo mentira e as mulher abria a boca tinha muita mulher tola coitada não entendia de nada dizia “Tu tem galinha? Eu faço serviço por uma galinha” ai elas dava a galinha “Mas tu tem o ovo?” ai carregava o ovo ai era duas assim falando com a pessoa e duas lá dentro catando sabe como é no armário catando (...) quando ia todo mundo ia embora a mulher ia procurar os troço cadê minha filha? Era... essas mulher eram ladronas mas andava desse jeito os animais dele era aquela coisa mais linda do mundo aqueles cavalos brancos só trocavam por coisa boa, coisa boa (Jacinto, 15 de agosto de 2011).

Nesse sentido é preciso lembrar que tem-se notícias dos ciganos nos jornais muito antes dos acontecimentos violentos da década de 80. Em 1972, no *Jornal da Paraíba*, praticamente denuncia a passagens de ciganos pela cidade de Campina Grande. Alertando a sociedade campinense para ter cuidados com os ciganos que rondam as feiras, apontando-os como astutos, ladrões e que as pessoas “mais ingênuas” poderiam “cair” nas armadilhas destes:

Ciganos foram presos na feira vendendo anéis de níquel como sendo de ouro: os ciganos Adalberto Alves vulgo “Del” e Antonio de Moraes acampados no bairro do Tambor há cinco dias, foram presos na feira central ludibriando a boa fé do povo, vendendo anéis de níquel por ouro. “Del” e Antonio procedem de Sergipe e aqui chegaram à semana passada na

---

<sup>37</sup> Masculino, 82 anos, morador de Campina Grande desde seu nascimento e foi taxista durante 40 anos.



tentativa de ganhar algum dinheiro, mas o processo foi descoberto e a policia agiu em defesa da bolsa dos mais ingênuos. Falando a conhecida gíria dos ciganos ambos foram encontrados na feira em meio a uma multidão que comprava seus objetos sem entender que havia a desonestidade pelo meio da conversa. Dizendo que a “barra esta pesada” em Campina Grande e querem ir embora logo que estiverem em liberdade. Voltarão a Sergipe após uma visita ao sertão da Paraíba por oito ou 15 dias (Jornal da Paraíba, 13 de junho de 1972. p. 4).

Interessante é que a figura do cigano na cidade não aparece como uma novidade, mas mais como um alerta de quem já conhecia, ou pelo menos já tinha uma representação, uma ideia sobre quem seriam os ciganos e de como eles agem interagindo com os habitantes da cidade. E como que a linguagem usada incomodou os moradores da cidade, já que por não entenderem, as pessoas pensavam estar sendo enganadas nos negócios que viessem a fazer:

Por meio de formas dialetais (*manuche*, *calão*), ciganos das mais diversas partes do mundo podem, contudo se entender razoavelmente, considerando-se que tem como base linguística, o romani. Com a aquisição de vocábulos novos, aliada à distribuição geográfica dos ciganos pelos mais diversos países, além da readaptação ou substituição de outras palavras na língua romani, cada grupo acabou modificando, de certa maneira, o conteúdo linguístico do romani. Exemplo disso é o cigano espanhol – *gitano*, *calon* – que fala um romanês com fortes características da língua espanhola, inclusive no que diz respeito a estrutura lingüística: o dialeto *caló* ou *zincalé*. (...) Essas variações na mesma língua não chegam a impedir a comunicação, pois, como dizem os zíngaros, cigano se entende com cigano, seja de que parte do mundo for (PEREIRA, 2009. p. 49).

Noutro momento da entrevista, *Lírio* não queria ter muita intimidade com os ciganos porque “É porque eles vivem no meio do mundo. Cigano já ta o nome, cigano, olha, vive no meio do mundo. Não tem casa própria, né? Entendesse?” (*Lírio*, 05 de outubro de 2011). A fala do entrevistado aponta para pensarmos que o seu não envolvimento com os ciganos se dava apenas pelo fato de serem ciganos. Numa sociedade regida pela disciplina, pela vigilância, como confiar em pessoas que não se deixam capturar e que circulam constantemente?

### 3.3. Relações de amizades e os modos de vida cigano

Considerando as narrativas de *Margarida* observamos como se deu alguns primeiros contatos dela com os ciganos e como as relações de conviviabilidade entre ciganos e os não ciganos eram possíveis e muitas vezes, harmônicas. A entrevistada passa a nos descrever algumas cenas de seu cotidiano com seis ciganos que foram criados por seus pais, adotados quando os pais destes ciganos morreram após um acidente de trânsito.

O pai da entrevistada, João Paulo conhecia há muito tempo o cigano Clóvis e os demais ciganos da família Targino Cavalcanti, e estes ciganos que ficaram órfãos, eram seu sobrinhos. Depois de uma conversa entre eles, o Sr. João Paulo aceitou a proposta feita por Bitó de cuidar das crianças órfãs, e aceitando ainda a ajuda que daria o cigano na criação, já que tinha boas condições de vida. O Sr. João Paulo teria então mais seis filhos a juntar com os outros nove que já tinha:

O tio deles era amigo de meu pai toda vida eles foram muito amigos de papai desde que eles vieram do Egito eles toda vida foram muito amigo Bitó Clóvis que eram de uma família tradicional e quando eles vieram quando aconteceu isso com a irmã dele ninguém da família quis por quê? Por que era uma quantidade maior de filhos e -- eles tinham uma tia que morava que acho que ainda mora em Recife aquela Emilinha Borba é família do pai dele é irmã do pai dele dessa família do ciganos que ficou sem pai -- então como eles eram amigo Bitó perguntou "João Paulo tu tem coragem de ficar com essas crianças? eu lhe ajudo financeiramente" e papai disse "tenho eu não faço questão" (Margarida, 11 de outubro de 2011).

A entrevistada afirma que os ciganos que moravam na cidade eram descendentes dos ciganos vindos diretamente do Egito. No caso, os bisavós destas crianças é que segundo a depoente teria vindo do Egito para o Brasil, os demais foram nascendo já no Brasil, sendo portanto ciganos brasileiros. Segundo nos conta, essas e outras histórias foram narradas pelos próprios ciganos órfãos já que alguns eram bem crescidos e sabiam expor melhor as histórias que foram contadas pelos mais velhos<sup>38</sup>:

<sup>38</sup> A sabedoria dos mais velhos é bastante respeitada e valorizada já que: "a *purô* e a *puri* são responsáveis por passar oralmente a tradição aos mais jovens" (PEREIRA, 2009, p. 62). Eles participam da educação dos ciganos a partir da contação de histórias.

Os pais deles que eram do Egito verdadeiro (...) e ele quando veio para o Brasil no final o lugar que eles gostaram foi... é... ficaram em São Paulo dois e em Campina Grande ficaram o resto que ainda hoje tem uma irmã que mora lá no Severino Cabral que é Diva uma cigana e eles continuaram aqui então mamãe criou essa família de ciganos agora como eu falei pra você eles são bons são amigos são assim desconfiados (...) assim o hobby dele é negociar negociar cantar são muito inteligentes a cultura deles tem assim os tios deles Clovis Bitó eles vivia de... eram fazendeiros (Margarida, 11 de outubro de 2011).

A entrevistada todo tempo tenta nos mostrar que estes ciganos que conviveram em sua residência eram “ciganos bons”, já que ela conheceu práticas culturais de outros ciganos que não aparentavam ser iguais aos seus irmãos ciganos. O fato de terem sido criados com não ciganos também devem ser considerados, uma vez que restou aos mais velhos das crianças em passar as histórias e tradições que chegou a conhecer através de seus pais.

Mas ainda assim eles não perderam traços característicos de ciganos, como aponta *Margarida*. Além do mais notamos que a todo tempo ela parece querer enfatizar as diferenças entre estes ciganos e outros que ela chegou a conhecer, tentando mostrar que estes ciganos seriam “superiores” considerando que:

Em Sousa ainda existe ciganos família deles mas eu acho que muito pouco por que a única que tinha que era bem idosa acho que ela faleceu o resto são de outros ciganos daqueles que eles chama de ciganos da peste cigano da peste é aquele cigano pobre entendeu? Existe cigano rico e existe cigano da peste da peste são aqueles ciganos pobres a única pessoa da família que morava lá que era uma tia deles essa bem antiga que quando eles foram pra lá pra visitar que faleceram mas eu acho que ela não existe mais não deve existir mas família não é não. Dessa família mesmo da que mamãe adotou não (...) ahhh eles gostam de ouro de relógio eles gostam também de prata agora só gosta de ouro legítimo e prata legítima entendeu? As mulheres não elas se adornavam com pedras que elas gostam muito de pedras e o principal delas o forte delas é o vermelho é o que elas gostam vermelho e perfume bom elas não gostam de perfume... Elas só gostam de perfume bom (Margarida, 11 de outubro de 2011).

*Margarida* tenta mostrar que o fato destes ciganos supostamente terem vindo do Egito lhes davam o status de legitimidade diante dos demais. O fato de querer diferenciar os ciganos ricos dos ciganos pobres ainda nos mostra que para ela o fato dos ciganos de Sousa nos dias atuais não terem boa condição de vida seria pelo fato de serem ciganos errantes, ciganos da peste. Já os ciganos seus familiares

seriam ciganos ricos, pois teriam riquezas e heranças que vieram desde os familiares do Egito.

Essa é uma característica também já apontada por Pereira (2009) ao analisar a questão do etnocentrismo obsessivo entre os ciganos: “para manter suas tradições, os ciganos se vêem levados a desenvolver uma forte disciplina, como se cada qual se sentisse responsável por carregar a pátria dentro de si” (pereira, 2009, p. 47). Interessante é que *Margarida* não era cigana, mas se sentia uma sempre que era necessário defende-los, respeitando as tradições e enfatizando ainda a existência de disputas entre eles de quem seria mais cigano que o outro, por serem descendentes de ciganos vindos do Egito. E isso parece alimentar a ideia do ser cigano enquanto unidade étnica e cultural.

Aqui vale acrescentar as ideias de Albuquerque Jr. (2007) quando diz: “a memória afetiva surge das emoções que depositamos em cada recordação, ela é como o gosto que provém da sensação evocada ou lembrada” (ALBUQUERQUE JR. 2007. p. 203). Ou ainda:

Às memórias ainda possuem um nível imaginativo em que operam a invenção, o desejo, a fantasia. A partir de fragmentos de imagens e sensações experienciadas socialmente somos capazes de inventar novas imagens a partir de novos desejos e fantasias, novas sensações, incorporando-as inclusive na narrativa de nossas memórias como fatos socialmente ocorridos e sensações realmente vividas (ALBUQUERQUE JR. 2007. p. 204).

No entanto *Violeta*<sup>39</sup> vivenciou momentos diferenciados de interação, de sociabilidade com os ciganos. Tendo estudado com a filha do cigano Clóvis, o primeiro a ser assassinado em 1980. Luciana Targino Cavalcanti estudava no colégio Alfredo Dantas e os colegas não sabiam de sua origem cigana, apenas com a morte do pai anunciada nos jornais é que os colegas perceberam isso:

Eu conheci Luciana exatamente na quinta série quando ela foi estudar no colégio que eu estudava na época eu tinha uma amiga que fez amizade com ela e nós juntas fazíamos parte do mesmo grupo toda vez que um professor passava um trabalho nós fazíamos parte desse mesmo grupo (...) com relação à vida em família o que ela nos mostrava é que até antes (...) do genocídio entre eles é que era que era uma família relativamente vamos dizer assim feliz ela nunca chegava à escola comentando conosco com relação a problemas familiares eu na realidade eu só fiquei sabendo que ela

---

<sup>39</sup> Feminino, moradora da cidade de Campina Grande desde seu nascimento. É professora e estudou com a cigana Luciana quando tinha seus 12 anos de idade.

era filha de cigano quando o pai dela morreu porque ela nunca falava que era cigana é interessante mas ela nunca trouxe essa discussão para a sala (Violeta, 29 de setembro de 2011).

O fato de só ficar sabendo que a colega era cigana chocou a ela e aos demais colegas de sala. Porém antes de saber disso, *Violeta* e o grupo de amigos, foram fazer um trabalho na casa da cigana. E nos conta a entrevistada que ficou muito surpresa em ver uma casa tão bonita como a de Luciana.

Não sabendo que se tratava de um lar cigano, para a depoente foi algo bastante marcante, pois a riqueza era demonstrada em cada canto da casa, com carros, casa grande, fazenda. Além do aconchego em que foram recebidos, deixando o grupo de crianças encantadas, vislumbrados com o que viam:

(...) Ela morava ali na saída da Manzuá era muito distante e nossos pais não deixavam então ela disse que o pai dela viria nos buscar foi nesse dia que nós conhecemos a família de Luciana fomos o grupo com ela o pai dela veio parou em frente à escola nos levou pra casa dela ela era interessante pois os ciganos utilizam muitas jóias não é? E ela utilizava ela sempre vinha com aquelas jóias com muitas pulseiras, muitas pulseiras que ela usava à época e como éramos adolescentes eu confesso que nunca imaginaria que aquelas pulseiras fossem de ouro (...) eu pensava que aquilo era bijuteria então nós fomos para a casa dela chegando lá tinha carros na garagem o jardim muito bem cuidado da casa (...) quando eu cheguei à casa quem nos recebeu foi a mãe dela estava com uma saia muito colorida é o que posso me lembrar é que era uma saia amarela com eu acho que aquilo era uns detalhes era umas folhas ou era umas flores vermelhas (...) ela disse “Antes de vocês começarem a fazer o trabalho eu vou servir um docinho Luciana pras meninas” e nos trouxe doce de leite nunca vou esquecer mas o detalhe era dentro da casa uma casa muito para meu modo de vida aquela casa era... todas nós ficamos espantadas uma casa com uns tapetes e almofadas e um lustre eu nunca tinha visto um lustre na minha vida foi a primeira vez que vi um lustre numa casa achei muito interessante (Violeta, 29 de setembro de 2011).

A representação que tinha sobre os ciganos, tendo uma visão negativada à sua época escolar, para a depoente seria uma justificativa do motivo pelo qual Luciana não quisesse ter sua identidade revelada, enquanto cigana. Mesmo que estes fossem ciganos que pareciam diferenciados por serem mais abastados economicamente o que os afastava das imagens de ciganos que viviam a ler as mãos ou mendigar:

(...) Não eram ciganos que viviam em Campina Grande como noutros tempos teve uma época que vinham de vez em quando muitas mulheres ciganas na rua pedindo pra ler a mão e as pessoas identificavam como

sendo ciganas e elas se identificavam como sendo ciganas elas queriam ler as mãos por conta de um alimento dinheiro mas a família da minha amiga era completamente diferente por que era uma família que tinha condições e não sei até quanto tinham de condições mas pela forma como eles viviam dava a impressão que eram bem diferentes (Violeta, 29 de setembro de 2011).

No que se refere a esse diferencial que os depoentes apontam com relação a família dos Targino Cavalcanti, *Lírio* afirma que havia sim uma riqueza material:

Bem de vida bem tinha uns que não tinha nada mas tinha uns que tinha bens tinha... tinha carro tinha dinheiro em banco e tudo eu conhecia Bitó conhecia o irmão dele é... Clóvis conheci aquela turma todinha (...) eu vendo aqueles negócio de imóveis e cheguei a conversar de “quanto é aquela granja sua”, “quer comprar uma fazenda não?” entendeu? (Lírio, 05 de outubro de 2011).

Ou ainda como mostra o entrevistado *Jacinto* que aponta outra temporalidade, meados anos 1960, quando da vinda do bando de ciganos, em que o chefe Neco era bastante rico. E que alguns ciganos já haviam passado por onde morava, porem não tão ricos como os ciganos do bando de Neco. Influenciando-o até mesmo na troca de seus dentes por dentes de ouro, assim como os ciganos que ele via:

Mas eles veio pra cá e eram rico eram rico mesmo aqueles outro cigano que passava por nossa casa tinha muito cigano naquela época era tudo pobre as cabaninha deles era aquelas lona rasgada (...) com papelão era pobre demais aqueles animais magro feios e os dele era de primeira classe fazia gosto você vê o povo do cigano Neco (...) então eles vieram e acamparam lá a cabana dele era tudo lona novinha verdinha bem feita aquela cigana bem trajada ouro tinha era por todo canto minha filha tinha nos dentes por causa dele eu botei dente de ouro também era por aqui por aqui... bem vestidos vestiam uns vestidão né lindas lindas mulher num sei quantas tinham não sei quantas não agora os ciganos tinham (...) ai os ciganos faziam festa lá ... escutava tocar violão e eles cantavam que eles eram rapazotes eu era menino e eles eram rapazotes (...) ai sim os ciganos tocavam aquilo lá a comida cheirosa aquelas panelas de ferro... Não é de bronze bem grande e botavam uns pau assim e ali eles cozinhava... galinha o diabo a quatro minha filha (Jacinto, 15 de agosto de 2011).

Num momento estão aqui. No outro, sumiram. Mas deixam traços inapagáveis de sua passagem no eco de sua música, nos seus passos, gestos, nas formas de vestir ou nos passos de seus cavalos, no sorriso alegre de suas gentes. Suas táticas que irromperam o cotidiano das cidades paraibanas, o conhecimento de artes divinatórias, a prática da astrologia e o domínio de conhecimentos reservados

apenas a eles mesmos, fizeram com que fossem perseguidos desde as primeiras entradas em qualquer que fosse o mundo “outro”.

Transformaram os lugares em espaços praticados por diversas formas de saber, que chamaram atenção dos não ciganos. Vendo-os assim, talvez o preconceito não existisse, ou fosse amenizado, retirando-lhes a identidade marcada por feridas e traços marcantes de violência. Humanizados, teriam mais vida em harmonia com os não ciganos e entre si.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ciganos tiveram discursos múltiplos construídos sobre eles. Discursos estes que foram divulgados desde à sala de estar dos lares de algumas famílias até os jornais, onde as pessoas puderam ter mais detalhes sobre os ciganos e sua circulação na Paraíba leis a favor de ajudar os ciganos, eles ainda continuam sendo caso de polícia e as queixas sobre a criminalidade são constantes. Porém não foram apenas este tipo de discursos que observamos em nosso trabalho. Os laços afetivos em que foram emaranhados dão fôlego aos discursos que recheiam a história destes ciganos, mostrando ainda como foi difícil para os que com eles conviveram ou que viveram o período entender, decifrar este “outro”.

Durante a pesquisa, estas foram perguntas frequentes: Quem são hoje o povo cigano no Brasil, onde vivem? E em Campina Grande? Quantos são? Mas esta não é pergunta fácil, ainda que em alguns lugares já tenhamos respostas, ainda que Políticas Públicas já se coloquem em prol dos direitos destes, tendo em vista que a realidade vivida por alguns ciganos pôde mudar um pouco, porém há muito o que fazer para que estes tenham o reconhecimento de seus direitos, como todos os cidadãos brasileiros ou de qualquer outro lugar no mundo onde possam existir Ciganos.

Porém percebemos neste trabalho que alguns grupos e famílias ciganas diferiam de algumas imagens que temos hoje sobre ciganos na Paraíba, mostrando-se enquanto pessoas de boas condições financeiras, ocupando cargos públicos na cidade, trabalhando no centro comercial, e possuindo bens como carros, fazendas, cavalos, e casas. Mesmo que alguns discursos que foram recorrentes na década de 1980 ainda possam ser registrados pelas memórias da população que são continuamente ressignificadas.

A itinerância enquanto modo de vida foi observada como algo importante nos clãs, enquanto uma função social dos ciganos. O nomadismo é chamado em contextos diferentes para avigorar ou recusar a ciganidade. E é uma das características que faz com que os ciganos se diferenciem dos não ciganos. A exclusão social instauradas entre ciganos e não ciganos e a exposição a culturas diferentes colocam ambições, desejos e possibilidades díspares do ser cigano.



Durante a produção deste trabalho pudemos registrar aspectos interessantes para a compreensão da trajetória desses grupos ciganos na Paraíba, focando inicialmente em Campina Grande. Percebemos que as relações entre os próprios ciganos e as relações entre estes e os não ciganos, são assinaladas por justaposições e desordens, agitações que trouxeram mudanças nas vidas de ambos os lados a partir das redes de sociabilidade.

A partir das variadas construções discursivas criadas sobre os ciganos, as pesquisas na Paraíba trazem contribuições para pensarmos a situação dos ciganos em dias atuais. É preciso reconhecer que ainda há muitos caminhos a percorrer quando diz respeito a história do povo cigano em nosso Estado. A escrita desta história possibilitou um entendimento mais claro sobre esta população cigana que faz parte da construção histórica de Paraíba. E que, no entanto ainda não havia sido contada.

Através da imprensa campinense, localizamos imagens dos ciganos atrelados a violência conectados aos discursos sobre os desregramentos de pessoas ‘desordeiras’, ainda chamando atenção para o “perigo” para os chamados “cidadãos de bem” a existência de ciganos. As recepções em torno dos ciganos foram se modificando nos discursos jornalísticos, mas apontando-os como perigosos. Nestes discursos engendrados nos anos 1980, mostra também um contexto de violência no Estado da Paraíba.

A imprensa local chama atenção da população, não só por suas práticas culturais diferenciadas, mas por serem pessoas difíceis de captura. As marcas da violência foram trilhadas na Paraíba, mas nas memórias de quem participou das redes de sociabilidades destes ciganos perceberam outras questões que vão além da violência. Foi possível pensarmos que as imagens dos ciganos na cidade foram construídas a partir de fatores como os discursos jornalísticos que apontaram apenas as cenas de criminalidade e de terror aos quais estavam circunscritos.

Essas imagens ultrapassam os tempos, mostrando que nas lembranças da população ainda há resquícios desses discursos montados enquanto jogos de poder e de verdade que também foram fatores para a construção de desafetos, preconceitos de medos e de *ressentimentos* nos cidadãos paraibanos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 155 – 202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: A Arte de Inventar o Passado**. São Paulo: EDUSC, 2007.

ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Organização: Stella Bresciani e Márcia Naxara. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 2004, p. 15- 36.

ARAÚJO, Fátima. Paraíba: **Imprensa e vida**. 2ª Ed. Campina Grande: Grafset, 1986.

\_\_\_\_\_. **História e ideologia da Imprensa na Paraíba**. Secretaria de educação e Cultura, 1983.

BORGES, Isabel Cristina Medeiros Mattos. **Cidades de portas fechadas: a intolerância contra os ciganos na organização urbana na primeira República**. Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora, UFJF, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: companhia das letras, 1994.

BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_, **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar e cozinhar**. Organização: Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. São Paulo: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. 2 ed. Difel, 2002.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina. (org.) **Usos e Abusos da História Oral**. 2ª Ed. 1998. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=sl7dl\\_knlz0c&pg=pa98&dq=memoria+e+hist%c](http://books.google.com.br/books?id=sl7dl_knlz0c&pg=pa98&dq=memoria+e+hist%c)

3%b3ria+e+sensibilidades&hl=pt-br&ei=vbtbtqmej4evgwf0\_vhzdww&sa=x&oi=book\_result&ct=result&resnum=10&ved=0cf0q6aewctgk#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 18 de outubro de 2011.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. 3 ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O “tempo de atrás”**: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB. Tese de Doutorado, João Pessoa, UFPB, 2004.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração**: Memória e práticas culturais. Mato grosso na primeira metade do século XX. Mato Grosso: Carlini e Caniato; EDUFMT, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 1999.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111 – 153.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (org.) **História da Imprensa no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Desclassificados do ouro**: a pobreza mineira no século XVIII. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. (org.) **Ciganos** – Antologia de ensaios. Brasília: Thesaurus, 2004.

MOONEN, Frans. **Aticiganismo**: os ciganos na Europa e no Brasil. Juiz de Fora: centro de Cultura Cigana, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ciganos Calon na cidade de Sousa**, Paraíba. IN: MOTA, Ático Vilas-Boas da. Ciganos – Antologia de ensaios. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 131 – 186.

\_\_\_\_\_. **A História esquecida dos ciganos no Brasil**. Revista Saeculum II, Jul/Dez 1996. p. 123 – 138. Disponível em:

<[http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum02\\_art09\\_moonen.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum02_art09_moonen.pdf)> Acesso em 15 de agosto de 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PEREIRA, Cristina da Costa. O povo cigano e sua vida tribal, comunitária a família. IN: MOTA, Ático Vilas-Boas da. **Ciganos** – Antologia de ensaios. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 109 – 115.

PIERONI, Geraldo. **Vadios e ciganos, hereges e bruxas: os degredados no Brasil-colônia**. 3 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)> Acesso em 20 de outubro de 2011.

SILVA, Luciana Estevam da. **Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do “Mão Branca” nos jornais**. Campina Grande, 2010. Dissertação de Mestrado.

SILVEIRA E DITO MINEIRO. **Linda Cigana**. LP "Coração Apaixonado" – 1970. Disponível em: <http://vozesdocampo.blogspot.com/2011/09/silveira-e-barrinha-linda-cigana.html> Acesso 30 de outubro de 2011.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Núcleo de estudos Ciganos, Recife, 2ª Ed. 2008.

VADICO E VIDOCO. **Cigana**. LP *Lá onde eu moro*, 1970. Disponível <http://paisagensdosertao.blogspot.com/2009/06/1-reliquias-de-amor-tutanelson-gomes-.html>. Acesso em 30 de outubro de 2011.

**JORNAIS PESQUISADOS:****ACERVO DA BIBLIOTECA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – UEPB**

**Diário da Borborema**, abr. maio e dez. de 1980.

\_\_\_\_\_, set. de 1982.

\_\_\_\_\_, nov. de 1983.

**ACERVO DO JORNAL DA PARAÍBA**

**Jornal da Paraíba**, jan. a Nov. de 1972.

\_\_\_\_\_, jan. a ago. de 1973.

\_\_\_\_\_, jan. a dez. de 1980.

\_\_\_\_\_, jan. a dez. de 1981.

\_\_\_\_\_, set. a dez. de 1982.

\_\_\_\_\_, jan. a dez. de 1983.

\_\_\_\_\_, jan. a dez. 1984.

\_\_\_\_\_, jan. a dez. de 1985.

\_\_\_\_\_, jan. a abr. e de jul. a Nov. de 1986.

\_\_\_\_\_, jan. a dez. de 1987.

\_\_\_\_\_, jan. a dez. de 1994.

**ENTREVISTAS ORAIS:**

**Margarida.** 50 anos. Campina Grande, entrevista concedida em 11 de outubro de 2011.

**Jacinto.** 82 anos. Campina Grande, entrevista concedida em 15 de agosto de 2011.

**Lírio.** 70 anos. Campina Grande, entrevista concedida em 05 de outubro de 2011.

**Cravo.** 69 anos. Campina Grande, entrevista concedida em 05 de outubro de 2011.

**Violeta.** Campina Grande, entrevista concedida em 29 de outubro de 2011.

## **APÊNDICE**

- 1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa sobre a *História dos Ciganos na Paraíba*. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao (a) voluntário(a) só caberá a autorização para participar da pesquisa com a utilização de áudio e/ou vídeo da entrevista consentida e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).
- O(a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta.
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisadora no número (083) 88157588, residente à Rua Virgílio Pereira da Silva, nº 159, liberdade – Campina Grande – PB.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

---

Assinatura da Pesquisadora.

---

Assinatura do participante.

Campina Grande, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2011.